



TENDÊNCIA ANTI-SOCIAL: UM OLHAR À FUNÇÃO MATERNA

Amanda de Lima Silva

Caxias do Sul, 2019

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE PSICOLOGIA

TENDÊNCIA ANTI-SOCIAL: UM OLHAR À FUNÇÃO MATERNA

Trabalho apresentado como requisito parcial
para aprovação na disciplina de Trabalho de
Conclusão de Curso II, sob orientação da Prof^a.
Dra Tânia Maria Cemin.

Amanda de Lima Silva

Caxias do Sul, 2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me permitir mais esta conquista em minha vida.

A minha família, a qual sou imensamente grata, sendo meu pai Carlos, a minha mãe Tânia e minha irmã Jenifer, por me apoiar e me incentivar a seguir meu sonho, que tiveram paciência e compreenderam minhas ausências devido aos compromissos acadêmicos. E além disso, me ajudaram nos momentos mais difíceis que tive ao longo da graduação, sempre que precisei, estavam presentes para me dar suporte em tudo.

As minhas amigas Alana, Luana, Pamela e Stefani, pois são muito importantes na minha vida e estiveram presentes na elaboração deste estudo, me ajudando de forma indireta, através de apoio, conselhos e amizade.

A minha orientadora Tânia que me deu suporte para construção deste estudo, sendo compreensiva e extremamente prestativa para que esse trabalho fosse realizado. E também por me contagiar e me motivar com sua sabedoria e postura profissional.

A todos os familiares e amigos, que de forma direta ou indireta estiveram nessa trajetória e fizeram parte desse sonho junto comigo, o meu muito obrigado!

*Ó poderoso amor! que por alguns respeitos transformas um animal em
homem e por alguns outros, tornas um homem em animal*

William Shakespeare

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
OBJETIVOS	10
Geral	10
Específicos	10
REVISÃO DE LITERATURA	11
MÉTODO	22
Delineamento	22
Fontes	22
Instrumentos	24
Procedimentos.....	24
Referencial de Análise	25
RESULTADOS	36
DISCUSSÃO	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Cenas e categorias para análise	26
--	----

RESUMO

Dados estatísticos demonstram que a criminalidade vem aumentando no Brasil e no mundo. E os reflexos dessas condições, muitas vezes estão relacionados à violência e crueldade, tendendo a implicar negativamente em diversos âmbitos de uma sociedade, como por exemplo, inferindo em fatores econômicos, culturais e psicológicos. Assim, tornam-se questionáveis as particularidades por trás dos comportamentos agressivos e delinquentes. Nesta perspectiva, buscou-se compreender tais fenômenos a partir do desenvolvimento humano nas fases da infância e, como estes puderam se instituir na vida dos sujeitos, frente às contribuições dos ambientes, aos quais estão inseridos desde o princípio. Partindo do pressuposto que o grupo familiar é o primeiro ambiente apresentado a uma pessoa, mais especificamente a mãe, torna-se imprescindível compreender o estabelecimento das primeiras relações e o entendimento de características de uma mãe suficientemente boa. Com isso, instaurou-se o seguinte problema de pesquisa: Quais as possíveis repercussões, no desenvolvimento infantil, da presença de uma mãe não suficientemente boa, no que diz respeito à tendência anti-social? Deste modo, foram utilizadas algumas obras de Winnicott e diversos artigos situados nas plataformas da *Redalyc* e *SciELO*, entre os anos de 1995 a 2018. Como método deste estudo, estabeleceram-se certos delineamentos, caracterizando a pesquisa como bibliográfica, exploratória e com cunho interpretativo. Fez-se uso do instrumento de tabelas e, nestas, apresentam-se os recortes das cenas do filme: Precisamos falar sobre Kevin, organizando as seguintes categorias: 1)Indisponibilidade da preocupação materna; 2)Dinâmica conflituosa mãe-filho; 3)Comportamento ativo, agressivo e consciente; 4)Identificação e desejo. Essas categorias, foram analisadas e interpretadas, a partir da revisão de literatura, promovendo maiores compreensões acerca problemática abordada. Como discussão dos resultados entende-se importante ressaltar que as contribuições do ambiente podem repercutir significativamente para constituição do *Self* verdadeiro.

Palavras-chave: Função materna, Psicanálise, Tendência Anti-social

INTRODUÇÃO

No decorrer da trajetória acadêmica teve-se contato com diversas disciplinas que me instigaram e fizeram refletir sobre a compreensão do sujeito. Como este se constitui, as possíveis maneiras que vão instituindo suas estruturas psicológicas, sua subjetividade e também, o papel que a família e a sociedade possuem neste processo, de modo a contribuir para a construção psíquica.

Dentre as matérias que impulsionaram a aprofundar essa temática, destaca-se aqui a Psicologia da Infância, na qual foi possível entender as fases do desenvolvimento infantil e as demandas desta etapa da vida. A disciplina de Teorias da Personalidade também despertou para se conhecer mais sobre o aparelho psíquico, proporcionando conhecimentos acerca das concepções das fases que o sujeito vivencia, pautada nos construtos científicos.

Também foram fundamentais os conteúdos de Psicologia Social: Indivíduo e Sociedade que proporcionaram uma maior compreensão de possíveis influências, das relações estabelecidas e os processos de socialização, no que tange à visão de mundo para cada pessoa. E sem dúvida, as cadeiras de Fundamentos de Psicopatologia, Processos Psicopatológicos na Infância, na Adolescência, Vida Adulta e no Envelhecimento que, promoveram saberes sobre as questões saudáveis em um indivíduo. Essas disciplinas possibilitaram averiguar tais aspectos psicopatológicos, o que também foi possível estudar de maneira teórica e empírica, nas disciplinas de Psicodiagnóstico I e II.

Nesse sentido, as inquietações vão ao encontro de estudos propostos por Winnicott, ao afirmar que família nuclear apresenta um papel fundamental para o indivíduo, uma vez que espera-se que esta possibilite um ambiente saudável, de modo a propiciar o desenvolvimento e amadurecimento adequado do sujeito, desde os construtos da infância.

Nesta perspectiva, o ambiente saudável tem um papel importante no processo de formação do sujeito, pois com as contribuições do mesmo, o indivíduo vai se organizando psiquicamente. Quando isso não ocorre como esperado, poderão ocorrer conflitos psicológicos na criança, o que possibilitará o desenvolvimento de algumas tendências, como por exemplo, a tendência a comportamentos anti-sociais (Winnicott, 1995).

Mas no que refere à tendência de comportamentos anti-sociais ou a um possível desenvolvimento de psicopatia, são diversos os fatores que podem desencadear esta patologia, dentre eles, há questões relacionadas a contribuições biológicas, psicológicas e sociais (Davoglio, Gauer, Jaeger & Tolotti).

Assim, com os conhecimentos adquiridos das disciplinas citadas acima e também no transcorrer da graduação até o momento, foi possível compreender que muitos aspectos podem interferir para a formação psíquica do sujeito na sua atualidade. Assim como há diversas questões relacionadas a este processo de desenvolvimento e dentre elas, às contribuições das relações familiares. E nesta perspectiva, há uma grande motivação para buscar compreender ainda mais sobre estes fenômenos.

Os índices de crimes que as pessoas cometem contra a vida de outras vem aumentando, no Brasil e no mundo. E a violência, por vezes, acaba embasando tais ações. Segundo dados do IPEA (2018), nos últimos dez anos, no Brasil, as vítimas da violência tiveram aumento de 256,9 % nas estatísticas, apresentando maiores números nas regiões metropolitanas. Muitos destes índices são ocasionados por adolescentes, explicitando traços de violência e perversidade.

Mas, conforme afirmam Dias, Hauck e Teixeira (2009), “é importante ressaltar que a criminalidade não é um componente essencial da definição da psicopatia, mas sim o comportamento anti-social” (p.341). O comportamento anti-social pode incluir crimes ou a infração das leis, mas não se resume a isto. Há de se pensar, também, que são inúmeros os motivos que podem potencializar tais aumentos. Porém, no que tange a aspectos de extrema violência e perversidade para com outras pessoas, pode-se cogitar possíveis comportamentos anti-sociais.

Frente a estes dados, surgem indagações que demandam compreender mais sobre o sujeito, bem como o contexto social que está inserido, pois estes ambientes tendem a contribuir para a subjetividade dos mesmos, uma vez que esta estrutura-se a partir das relações estabelecidas (Cavalcante, 2001).

Diante disso, torna-se importante destacar que alguns sujeitos apresentam aspectos que se pode relacionar a comportamentos anti-sociais, no sentido de manifestar certo fracasso em ajustar-se às normas sociais relativas a condutas legais, como tendência à falsidade,

mentiras repetidas, uso de nomes falsos ou de trapaça para prazer pessoal. Assim como também a ausência de remorso, indicado pela indiferença ou racionalização em relação a ter ferido, maltratado ou roubado outras pessoas (DSM-V, 2014).

Frente aos dados ressaltados, entende-se importante aprofundar tal estudo, uma vez que as estatísticas sugerem um aumento nesta patologia, independentemente da classe social, e seu diagnóstico se mostra um tanto quanto complexo. É possível compreender que as contribuições para tal diagnóstico são variadas e, por isso, torna-se importante saber mais sobre essas questões, de modo a preparar os profissionais, instigar novas pesquisas e para conhecimentos da sociedade em geral. Para tanto, o presente estudo possui o seguinte problema de pesquisa: Quais as possíveis repercussões no desenvolvimento infantil, da presença de uma mãe não suficientemente boa, no que diz respeito à tendência anti-social?

OBJETIVOS

Objetivo Geral

- Identificar possíveis repercussões, no desenvolvimento infantil, da presença de uma mãe não suficientemente boa, no que diz respeito à tendência anti-social.

Objetivos Específicos

- Descrever aspectos fundamentais acerca do desenvolvimento da infantil;
- Caracterizar a função materna, evidenciando o conceito de mãe suficientemente boa de Winnicott;
- Apresentar uma breve conceituação sobre a tendência anti-social.

REVISÃO DE LITERATURA

Este tópico apresenta aspectos teóricos a partir de uma busca bibliográfica, sobre os seguintes pontos: Desenvolvimento infantil, estabelecimento da maternidade, relação mãe e filho e formação de *Self*.

No que diz respeito ao processo de desenvolvimento do sujeito pode estar implicado em aspectos anteriores a sua concepção ao mundo. Desde a gestão de um bebê, a relação materna já está sendo instituída, baseada nos cuidados que a mãe vai estabelecendo com seu filho, bem como alimentação, cuidados com pré-natal e possíveis afetos e expectativas que vão sendo direcionados à criança (Gomes, Levandowiski, Lopes, Lindenmeyer & Piccinini, 2009).

Neste sentido, torna-se importante compreender o contexto em que o sujeito está inserido, antes mesmo da sua concepção. Se houve planejamento da gestação, se ocorreu pré-natal, se foram feitos os devidos acompanhamentos durante a gravidez e posterior ao nascimento, como ocorreram os processos de interação entre mãe e filho, pois é comum que algumas mulheres desenvolvam alguns transtornos psicológicos. Na gestação muitas alterações biológicas tendem a ocorrer e nem sempre há preparação para lidar com esse processo (Lovise & Pereira, 2008).

Além das alterações biológicas, alterações psíquicas podem ocorrer, até mesmo pelo fato de haver desregulações hormonais, sendo comum a mulher apresentar oscilações de humor. Frente à experiência da gestação, a mulher tende a deparar-se com o novo e, assim começa a ter que lidar com esse processo, mas dependendo de seus recursos psíquicos, ela poderá vir a desenvolver alguns estresses e também transtornos. Dentre os possíveis transtornos que uma gestante pode desenvolver, destaca-se, com maior prevalência, a depressão (Baptist, Daher & Torres, 2006).

Frente a isso, o estado mental da mãe torna-se fundamental para a relação que ela estabelece com o filho, visto que ela inicialmente provê todos os cuidados que o mesmo precisa. Além disso, estudos revelam que pode haver relações entre o estado psicológico da mãe e a saúde de seu bebê (Lovise & Pereira, 2008). Após uma breve introdução à temática, apresentam-se aspectos fundamentais de Winnicott que se referem a este estudo.

Conforme Winnicott (1983), os humanos são latentes e somente podem alcançar alguns potenciais de acordo com certas condições. Há, segundo ele, um potencial herdado, o qual está relacionado ao desenvolvimento, mas para que de fato essas potencialidades venham a ocorrer, faz-se necessário vivenciar os cuidados satisfatórios, os quais permitem à criança a vir a *ser*, ou seja, permite à criança uma existência independente.

Segundo Winnicott (1997), no que diz respeito ao desenvolvimento de um sujeito, há fatores inatos que tendem a se potencializar paulatinamente em determinadas funções. Entretanto, para que esta tendência possa ocorrer é necessário que o ambiente proporcione condições que instiguem a criança ao desenvolvimento saudável. Neste sentido, as primeiras relações deste bebê são fundamentais, como a relação da figura materna, visto que a criança passa boa parte de sua infância dependente dos cuidados e do olhar desta. E além dos inúmeros desenvolvimentos físicos, motores e orgânicos que vão ocorrendo nos anos iniciais de vida, também há diversos processos de maturação psíquica que podem ir emergindo.

Ao nascer, o bebê é totalmente vulnerável e dependente da mãe para os cuidados básicos, como alimentação, higiene, atenção, carinho, dentre outros. Além disso, a criança começa a conhecer e compreender o contexto que habita a partir das referências maternas, às quais podem contribuir para o psiquismo e os mecanismos que tendem a organizá-lo (Winnicott, 1983). A dependência é algo que todos os seres humanos vivenciam, tanto em relação ao ambiente físico como também emocional. Mas desde o primeiro ano de vida, aos poucos, este processo se modifica, chegando aos aspectos de independência do outro, assim como surgem, também, as oscilações de independência e dependência. Para que os processos de dependência ocorram, somente uma tendência inata, ou apenas a predisposição do sujeito para com a busca da independência, não se faz por completa, é necessário que o ambiente possa oportunizar isto, sendo a mãe o primeiro ambiente da criança e, também, a pessoa mais qualificada para tal desenvolvimento (Winnicott, 1997).

Num primeiro momento, a criança, ainda tida como latente, é totalmente dependente do outro, ela não possui os meios de perceber de fato os cuidados maternos, se estes estão sendo de fato bem realizados. A criança apenas se situará no sentido de beneficiar-se ou sofrer algum distúrbio, a satisfação de suas necessidades, assim como as adaptações requeridas pelo ego, os processos de maturação poderão ocorrer. Esse processo inicial de

dependência denomina-se *dependência absoluta* e quando possíveis falhas ocorrem, a criança poderá apresentar dificuldades em integrar agressão e amor (Winnicott, 1983). Dessa forma, a mãe pode permitir ao filho uma integração com o mundo, a qual está associada a questões emocionais e afetivas que vão ocorrendo. Aos poucos, a criança vai vivenciando e aprendendo sobre questões relacionadas a controle, percepções sensoriais, medos, ansiedades, raiva, segurança, dentre outros. Ainda nestes períodos iniciais, o bebê não tem suporte psíquico para compreender o que é seu ou que é do outro, mas aos poucos constitui-se, ou seja, vai se diferenciando. E o processo fusional com a mãe vai cessando, possibilitado que o *Self* vá emergindo.

Já no primeiro ano de vida surgem os processos de personalização da criança, nos quais há relações que se estabelecem entre a psique imatura e os funcionamentos corporais, pautadas nas adaptações e necessidades desse sujeito. E a mãe, por encontrar-se no lugar de primeiro ambiente para o filho, tornando ele num primeiro momento, totalmente dependente da mesma, deve se adaptar a esta criança, de modo a procurar compreendê-la, pois isso poderá contribuir para sua organização psíquica. Caso ela encontre demasiadas dificuldades ou apresente comportamentos indiferentes às necessidades do bebê, poderão ocorrer contribuições para o desencadear de distorções desta organização (Winnicott, 1997). Os processos de maturação mental da criança vão se estabelecendo desde questões simples, como por exemplo, esperar o alimento. E, gradualmente, os processos intelectuais vão sendo constituídos como, por exemplo, as memórias, a noção de tempo e espaço, assim como percepções relacionadas à causa e efeito (Winnicott, 1997). Para o desenvolvimento destes aspectos intelectuais, tanto as mães devem se adaptar aos filhos quanto esses se às mães, de modo que a relação entre ambos pode ir sendo limitada e compreendida, fazendo com que ambos aceitem determinadas características do outro.

Por volta dos seis meses até os dois anos de vida, a criança encontra-se numa segunda etapa de dependência, que é denominada por *dependência relativa*, na qual passa a registrar suas vivências. Ela começa a perceber sua sujeição e aos poucos a reconhecer que há uma realidade externa, é o início das compreensões intelectuais, porém, é necessário que ocorram os cuidados para com o latente, pois é a partir destes, que se apresenta o mundo para a

criança. Nesta fase, ela passa a lidar melhor com as possíveis falhas da mãe, mas também começa a se dar conta de que a mãe se faz necessária (Winnicott, 1983).

Desta forma, Winnicott (1997), considera que as fantasias e a imaginação vão se instaurando na criança conforme as relações estabelecidas, através das brincadeiras e os contatos com ela. A realidade interna que vai sendo constituída, pautada nas vivências que este bebê possui, podendo já ter noções do que é bom ou que sugere ser mau para seu *Self*, assim como os objetos e figuras de afeto, já podendo apresentar algumas defesas.

Ainda no que tange ao desenvolvimento infantil, a vida instintiva é de suma importância para a maturação do indivíduo. E, no que diz respeito a este tópico, observa-se o funcionamento alimentar e as sensações a partir dos fenômenos físicos e psíquicos, ligados à função oral, anal e excitação genital, com a tendência de qualidade orgástica e satisfação. Outros fatores que contribuem para evolução do sujeito estão envoltas das relações objetais, sendo estas, as relações que se estabelecem com o outro, pautadas em sentimentos e necessidades. Num primeiro momento, esta relação é estabelecida com a mãe, mais diretamente ligada ao seio da mesma, o qual é entendido como objeto parcial e, posteriormente, sendo integrado e entendido como parte de um sujeito por inteiro, possibilitando o surgimento do contato afetivo, neste caso, a mãe. Tudo isso tende a contribuir para o sentido de dependência, aspectos de confiabilidade e início das demais relações objetais (Winnicott, 1997).

Assim, as relações que se estabelecem com o outro são essenciais para construção psíquica do sujeito. Inicialmente, trata-se basicamente de questões de necessidades fisiológicas, como explicitado anteriormente, mas na medida que este sujeito se relaciona, vão sendo formados os registros psíquicos, os quais serão inscritos ou internalizados em seu psiquismo. No entendimento dos fatores de espontaneidade de uma criança, podem surgir desconfortos entre a psique e o soma, de modo que há impulsos instintivos no sujeito que buscam satisfação e evolução. Entretanto, algumas dificuldades podem ocorrer neste processo, sendo estas, relacionadas aos desejos da mãe, frente às renúncias de suas responsabilidades maternas. Além disso, outros impulsos vão emergindo gradualmente na criança, sendo estes ligados à capacidade criativa, que dizem respeito à realidade externa a qual ela vai sendo apresentada (Winnicott, 1997).

Segundo Winnicott (1983), os sentimentos vão sendo estruturados na criança, no decorrer de sua evolução, uma vez que passa a ter algumas capacidades de se preocupar, de sentir culpa, solidão e outros, subsidiados por suas fantasias, o que tenderá a contribuir para seu desenvolvimento emocional. Além disso, ela passa a vivenciar a posse dos objetos, sendo estes os que têm maior preferência, como é o caso de um ursinho de pelúcia, um cobertor, uma boneca ou outros, pois eles permitem a ela uma noção de objeto parcial. Esse processo ajuda com situações de falta da relação objetal propriamente dita, como a ausência da mãe, que causa tristeza, ansiedade, medo e, também potencializa um suporte ou uma sustentação psíquica, que lhe possibilita enfrentar tais sentimentos, oportunizando um desenvolvimento emocional esperado. Estes objetos transicionais são fenômenos que podem fundamentar certos comportamentos afetivos, da infância até a vida adulta, uma vez que a perda desta vivência, por questões ligadas à severidade, por exemplo, podem promover traços que estão relacionados a comportamentos tidos como anti-sociais e, também mais propensas a delinquências (Winnicott, 1997).

Como referido anteriormente, o ambiente é fundamental para o desenvolvimento de um sujeito, se este for contingente, há tendências que auxiliam na maturação da criança, sendo que inicialmente este ambiente é representado pela mãe. Desta forma, as funções maternas são essenciais para a construção psíquica do indivíduo, de modo a auxiliar na construção de *Self*. Dentre essas atribuições maternas, destacam-se três principais no processo evolutivo, sendo a apresentação do objeto, o *Holding* e o *Handling* (Nasio, 1995).

Conforme explica Násio (1995), no que diz respeito à apresentação do objeto, esta surge desde o nascimento da criança, no qual a mãe lhe oferta o alimento, como seu seio ou mamadeira, com isso o bebê passa a esperar algo do outro. Nesta fase, a criança encontra-se num período de total ou absoluta dependência da mãe. E nesta primordial relação, a mãe estimula seu bebê, quando se mostra disponível diante de uma necessidade dele, possibilitando o surgimento de sentimentos, advindos destas primeiras ligações entre mãe e filho, bem como sentimentos de amor, ódio, ameaça e angústia. Outra função importante refere-se aos cuidados cotidianos ligados à segurança do bebê, aos cuidados, às sensibilidades para com ele. Conforme explicita Winnicott (1983), “às mães que não tem essa tendência de prover cuidado suficientemente bom não podem ser tornadas suficientemente boas pela

simples instrução” (p. 48). Neste sentido, esta função está associada à forma latente de amar, a qual denomina-se *Holding* e esta tem papel fundamental no desenvolvimento psíquico, pois a mãe integra, neste processo, a realidade externa para a criança. Quando os cuidados maternos ocorrem de modo adequado, a criança não percebe o que está sendo prevenido, pois o bebê passa a confiar plenamente nesta figura. Esta mãe sofre algumas mudanças tanto fisiológicas quanto psíquicas, sendo que as alterações psíquicas da mãe tendem a agir de acordo com seu apego à criança e às suas necessidades, de modo a promover um desenvolvimento psíquico saudável, através de seus cuidados e afetos, oportunizando a constituição de um verdadeiro *Self*. Quando esses fenômenos são possibilitados à criança, esta mãe caracteriza-se por ser uma *mãe suficientemente boa* (Winnicott, 1983).

Outro aspecto relevante dentro das funções maternas, compreende-se por *Handling*, o qual indica a manipulação dos cuidados para com o bebê, como por exemplo, dar-lhe banho, colocá-lo para dormir, trocar suas roupas, dentre outros fatores que promovem o bem estar desta criança. Isso possibilita ao sujeito uma noção de união entre o seu corpo e sua psique, construindo os processos iniciais de personalização (Násio,1995). A falta de cuidados básicos de uma mãe para com o filho permite à criança perceber que algo não lhe está sendo provido adequadamente, bem como a percepção da falha do cuidado materno. Frente a isso, o ego desta criança poderá reagir sendo consciente a uma irritação, de modo que estas vivências tendem a enfraquecer o *self* do sujeito, pois neste processo a mãe auxiliaria na fortificação egóica. Conforme Winnicott (1983), “Tais interrupções constituem aniquilamento, e são evidentemente associadas a sofrimento de qualidade e intensidade psicótica” (p. 51). Neste sentido, os apoios do ego da mãe para constituição do eu da criança, são fundamentais para o desenvolvimento de um *Self* verdadeiro.

A mãe também sofre mudanças, pois aos poucos ela pode ir evoluindo na relação materna, de modo a se soltar um pouco da intensidade da relação com o filho, podendo adaptar-se melhor a ele, até mesmo no que diz respeito a suas falhas. Entretanto a criança ainda precisará muito do suporte da mãe, pois encontrará diversas dificuldades no transcorrer de sua vida (Winnicott, 1983). É nesta fase, também, que a criança tende a perceber sua relação com a mãe, a qual pode ocorrer de muitas formas, como por exemplo, uma mãe que cuida, alimenta e tem afeto por ela em diversos momentos ou, pode ser uma mãe que lhe dá

atenção somente quando ela demonstra agressividade e excitação. Frente a estas dualidades, a criança tenderá a integrar os aspectos desta mãe, tanto os percebidos como bons quanto os maus. Mas para que esta integração ocorra, novamente se faz imprescindível a figura materna, neste caso caracterizado por apresentar-se como *mãe suficientemente boa* (Nasio, 1995).

Ainda para Nasio (1995), as relações que se estabeleceram desde estas primeiras etapas de vida são fundamentais para constituição verdadeira do *Self*. Sendo as relações iniciais instauradas a partir da apresentação do objeto, ou seja, do externo, do outro e que vão além do próprio sujeito. Inicialmente, tal apresentação situa-se, basicamente, com a mãe e, conforme o desenvolvimento, oscilações nos processos de dependência tendem a ocorrer. Num primeiro momento é muito difícil para o sujeito lidar com a dependência, pois há de se experienciar a separação, mesmo que momentânea, do seu objeto de amor. Para lidar com esta falta, a qual pode implicar no processo de evolução emocional, assim, o sujeito propende a vivenciar os fenômenos transicionais, direcionando alguns sentimentos a objetos inanimados, como por exemplo, brinquedos, cobertores, dentre outros. Estas vivências tendem a implicar no psiquismo dos sujeitos, de modo a perpassar em outras etapas de vida, podendo contribuir na forma que lidará consigo e com os outros, como por exemplo, nos processos de separação, investimento em algo ou alguém, fantasias e, pautados de sentimentos e sensações, como angústia, medo, raiva. E quando encontram-se na fase da adultez, tendem a direcionar esses entendimentos para outras esferas de sua vida, como emprego, relacionamentos, remuneração, entre outros.

Conforme Winnicott (1983), o ambiente, a partir das primeiras relações estabelecidas, potencializa as bases para as constituições da personalidade do sujeito, podendo implicar no seu desenvolvimento, no sentido de subsidiar a promoção de cuidados básicos, segurança, confiança. Este é o ambiente que se espera ser oportunizado à criança. Desta forma, nos subsídios potencializados a partir destas primeiras vivências, as quais podem ser reforçadas e ou internalizadas, os sujeitos além de formar seu psiquismo, vão criando mecanismos para lidar com as situações ao seu redor, bem como a estruturação sadia de seu *Self*.

Os fatores associados à busca pela independência tendem a ocorrer de acordo com uma vivência esperada, conforme deparam-se com a suas demandas, as quais, gradativamente

puderam ser atendidas, visto que neste caso, o ambiente conseguiu lhe potencializar a existência satisfatória, esta fase é denominada de *rumo à independência*. Este momento pode ser observado desde o período escolar da criança até o início da puberdade, explicitando o alargamento das relações interpessoais. E tendem a ser continuados na adolescência e vida adulta de um sujeito, frente aos processos de amadurecimento e estabelecimento de uma identidade pessoal (Winnicott, 1978).

Quando na vida adulta ou até mesmo no período da adolescência, surjam dificuldades relacionadas a fatores de personalidade, estas podem ser analisadas desde os processos vivenciados na infância. No sentido de buscar compreender tais fenômenos, como por exemplo, quando surgiram, como o sujeito se organiza, como ele lida com as frustrações, dentre outros. No caso de uma criança, é possível averiguar aspectos de seu estado mental de acordo com o que é esperado para o seu desenvolvimento, frente às etapas de sua vida. Deste modo, pode-se ter a noção sobre o que está adequado ou não, em um processo de maturação. Assim, quando se avalia uma criança com possíveis comportamentos que se assemelham a tendências anti-sociais, estes podem ser compreendidos como possíveis Transtornos de Conduta F91.1/312.81 (Aissen, Alves, Nunes, Sadalla & Samson, 2018). Mas, para compreender se de fato vivencia-se Transtornos de Conduta, devem ser observados alguns critérios, bem como fatores de persistência, intensidade e os ambientes que a criança venha a explicitá-los (DSM-V, 2014).

Para Winnicott (1995), a tendência anti-social pode ser encontrada em diferentes idades e sujeitos, até mesmos em neuróticos. No caso de crianças, esta tendência pode estar relacionada a privações de questões fundamentais do contexto familiar, como cuidado e proteção. Assim, pode haver relações com o ambiente em que ela está inserida, ou seja, é como se desde o primeiro momento suas necessidades básicas, assim como um vínculo afetivo não tivesse sido estabelecido por esse ambiente.

Na perspectiva Winnicottiana, a mãe é o primeiro ambiente para a criança e é ela que auxilia no processo de apresentação de outros objetos e ambientes. As mães devem se adaptar às necessidades dos seus bebês, de modo a atender-se às suas demandas, evitando possíveis falhas nos cuidados. Entretanto, nem sempre ela conseguirá satisfazer as necessidades deste filho e isso, não necessariamente será um problema, visto que ela poderá ter sucesso, mesmo

tendo falhado, no sentido de promover apoio no ego do mesmo e, ao demonstrar uma resposta às compulsões do bebê, promovendo um estado de cura nesta experiência de subprivação, pois mesmo tendo falhado, há uma preocupação materna, que indica uma busca para suprir ou redimir os erros (Winnicott, 1978).

Segundo Winnicott (1978), quando a mãe não possibilita a cura desta falha ambiental, processo ao qual remete a uma conotação terapêutica para a criança, esta poderá manifestar uma tendência anti-social. E é neste período que ela apresenta aspectos de esperança, pois entende-se que ela exige ou busca, mesmo que inconscientemente, que o ambiente lhe devolva algo que lhe foi retirado, a partir de um comportamento tido como delinquente. Assim, ela poderá direcionar-se a fatores que representam o roubo, o qual explicita a busca do objeto e destrutividade.

No que refere à busca por este objeto, o qual pode ser representado através do roubo, que comumente está associado à mentira, pode ser entendido como um sintoma, pois conforme afirma Winnicott (1978), “a criança que rouba um objeto não está buscando o objeto roubado mas sim a mãe sobre a qual ela tem direitos.” (p. 505) De certo modo, pode-se pensar que também há uma tendência na própria criança de *autocura*. Mas, a criança tenderá a manifestar aspectos de destrutividade como por exemplo, ferir alguém, fazer bagunça e dentre outros, caracterizando o sintoma de *amolação*.

Outros fatores que podem ser sintomas de tendências anti-sociais estão relacionados à voracidade, pois o bebê busca saciar suas exigências pulsionais, entretanto acaba se frustrando ao deparar-se com a falta de reciprocidade da mãe em satisfazer suas necessidades. Assim, a voracidade explicita no bebê a busca pela cura, pela adaptação da mãe, a qual veio a falhar com relação às suas necessidades egoícas (Winnicott, 1978).

Ainda sobre o olhar das funções da maternagem, há outras “terapias” que podem contribuir para a tendência anti-social, cabe ressaltar as satisfações do impulso do amor primitivo, na qual, o bebê não percebe que a mãe, de fato, se dispõem a lhe satisfazer ou faz algo para ele ou se faz, é para atender a si mesma. O que pode implicar naquele bebê um sentimento de obrigação. Segundo afirma Winnicott (1995), “a criança quer sentir-se amada, mas é impotente para consegui-lo”(p.90). É como se ela esperasse algo de fora dela mesma, ser digna de tal amor a partir do externo.

Além disso, *a terapia do amor materno* poderá ser bem sucedida ou vir a fracassar, pode ser bem sucedido quando esta mãe ou até mesmo os familiares conseguem atender e tolerar as necessidades compulsivas do bebê. E pode fracassar quando não há tal tolerância ou quando a mãe age a partir de seus próprios complexos, apresentando posturas como por exemplo mimando demasiadamente a criança ou lhe corrigindo de forma árdua ou severa (Winnicott, 1978).

Neste sentido, há muitos aspectos que estão envoltos as possíveis tendências anti-sociais, mas cabe ressaltar que os fracassos ambientais podem implicar diretamente no estado de ego e maturidade do sujeito, podendo levá-lo a uma distorção de personalidade, devido à busca inconsciente de uma provisão ambiental que atenda suas demandas, que em um determinado momento lhe foi privado. No que tange ao viés terapêutico, no caso de uma criança, esta poderá ser oportunizada, no sentido de uma nova provisão ambiental, a qual, lhe possibilitará uma nova relação egóica (Winnicott, 1978).

O conceito de Privação diz respeito aos cuidados que foram supostamente negados à criança, estas responsabilidades, comumente maternas, referem-se a processos básicos desde alimentação, higiene e, também o manejo para com estas atividades, os quais demandam o estabelecimento de vínculos afetivos, através dos fenômenos como a apresentação de objeto, *Handling*, *Holding* e um ambiente suficientemente bom. O que tenderá a contribuir para formação psíquica do sujeito, podendo implicar na constituição do seu Self. Nesse sentido, é como se a criança fosse privada de seu potencial desenvolvimento, assim, o ambiente não é compreendido como suficientemente bom (Winnicott, 1983).

Entretanto, há outros fatores que podem contribuir para a tendência antissocial, podendo ter como aspectos implicados a Deprivação, a qual é compreendida pelo rompimento ou a perda abrupta do processo de cuidados maternos básicos, possibilitando que a criança se encontre numa aflição tida como intolerável, pois passa a se dar conta de que o ambiente falhou com ela (Hack & Ramires, 2014). Nesse processo, a criança inicialmente percebe que está num ambiente suficientemente bom no período de dependência absoluta, porém posteriormente, já na dependência relativa, por diversos motivos como, por exemplo, o abandono dos pais, ela acaba experienciando a perda do vínculo já vivenciado e passa a manifestar comportamentos e posturas de protestos frente ao que lhe foi retirado ou que lhe

foi perdido. Ao apresentar tais posturas, há de pensar que o ato de reivindicar, também pode ser estar relacionado a um processo de esperança por parte da criança, para que esta possa ter novamente a experiência suficientemente boa, dos cuidados e vínculos (Winnicott, 1995).

MÉTODO

Delineamento

Para explicitar um determinado conhecimento se faz necessário que este seja pautado em construtos científicos, ou seja, baseados na ciência e também em aspectos de verificações. E ao buscar um saber para uma pesquisa, por exemplo, utiliza-se de recursos implicados em métodos. O método é um meio que consiste em organizar e sistematizar um estudo, pautados em pesquisas, observações, classificações, investigações, dentre outros (Gil, 2008).

Para Laville e Dionne (1999), o método de pesquisa diz respeito às regras, que orientam e norteiam os objetivos do pesquisador, de modo a se chegar a conhecimentos verídicos e científicos. São ferramentas que podem auxiliar e dar suporte ao que se deseja compreender, bem como o intuito de lançar hipóteses sobre um problema.

As pesquisas bibliográficas são realizadas com base em conhecimentos já feitos, como livros, artigos e demais estudos científicos, permitindo ao pesquisador, um maior aprofundamento sobre o levantamento de dados e informações, a partir de um determinado tema, possibilitando explorar e analisar os fenômenos tratados (Laville & Dionne, 1999).

Com o propósito de encontrar tais conhecimentos, o uso de pesquisas exploratórias pode auxiliar neste processo, pois proporcionam um olhar geral sobre os temas, através do uso de diferentes instrumentos como, por exemplo, bibliográficos e documentais, tornando claras as ideias e conceitos. Conforme Godoy (1995), outra ferramenta que tende a direcionar e delimitar a pesquisa, diz respeito ao balizamento nos tipos de busca, a qual é definida por pesquisa qualitativa, pois tratará de fenômenos humanos e sociais. Esses fenômenos podem ser analisados e interpretados com base nos recursos escolhidos, com intuito de promover maior compreensão para os objetivos da pesquisa, podendo ser utilizados para este fim, ferramentas que permitam a relação com a delimitação teórica, como por exemplo, a utilização de recortes de obras cinematográficas.

Assim, para a realização deste trabalho de conclusão de curso, fez-se de uma pesquisa bibliográfica qualitativa com cunho interpretativo e exploratório, de modo a buscar respostas para o seguinte problema: Quais as possíveis repercussões no desenvolvimento de uma

criança da presença de uma mãe não suficientemente boa, no que diz respeito à tendência anti-social?

Fonte

Com o intuito de exemplificar os conceitos e promover maior compreensão sobre os fenômenos postos em evidência, foi utilizado como artefato cultural, as cenas da obra cinematográfica *Precisamos falar sobre Kevin* (Ramsay, L., 2012), pois o filme apresenta o desenvolvimento de Kevin, antes mesmo do seu nascimento até a sua adolescência, explicitando suas relações familiares e demais relacionamentos interpessoais, sugerindo que o jovem tenha dificuldades em vínculos e nas relações estabelecidas. Dificuldades estas, que se evidenciam na infância, a partir de questões tidas como básicas, como por exemplo, brincadeiras, a fala, o contato com as outras pessoas ou a falta deste e, o processo de desfralde.

A obra explicita a relação que a mãe do garoto vai tendo com o mesmo, a qual, vai se estabelecendo de forma conturbada entre ambos. Antes mesmo do filho nascer, a mãe demonstra dificuldades em lidar com a gestação e a maternidade, intensificando-se após o nascimento, uma vez que, compreende-se aspectos de depressão pós-parto, o que tenderá a inferir na relação mãe e filho. Além disso, a mãe indica ter dificuldade de estabelecer afeto com Kevin, destacando os cuidados e ações mecânicas. A medida em que o menino vai crescendo e se desenvolvendo, ele exhibe comportamentos que denotam aspectos de provocações, explicitando indícios para chamar a atenção da mãe, salientando o intuito de buscar o olhar materno.

Com um salto temporal para o período da adolescência, a história também apresenta o planejamento que o jovem faz, para cometer assassinatos em massa, dentro da escola que ele estuda. No filme, ele de fato cometeu diversos assassinatos a colegas e feriu muitos alunos, com isso foi condenado à prisão. Entretanto, tais comportamentos indicam certo direcionamento para a relação materna, pois além de diversos assassinatos a colegas, Kevin mata também a irmã e o pai, preservando apenas a vida da mãe. Assim, através de recortes

pertinentes as cenas, relacionando-se aos conceitos trabalhados, objetivando a promoção de maiores entendimentos para a problemática definida.

Instrumentos

Como artefato cultural foi utilizado um filme e deste, foram selecionadas e recortadas e algumas cenas, as quais, posteriormente, foram agrupadas em categorias e estes dados estão estruturados em uma tabelas. Conforme Laville e Dionne (1999), as tabelas permitem integrar os dados obtidos, explicitando os objetivos que se deseja averiguar.

Procedimentos

Conforme afirmam Laville e Dionne (1999), existem diferentes maneiras de utilizar os métodos para a coleta de informações que visam à busca de um conhecimento. Para este estudo, primeiramente fez-se uso de uma pesquisa qualitativa, através de uma leitura não definitiva, ou seja, mas não fixa, pautada numa perspectiva exploratória, a qual, foi tornando-se seletiva e profunda, conforme os levantamentos científicos iam ao encontro dos objetivos que interessavam ao projeto. Deste modo, foram resgatados estudos de artigos científicos, obtidos através das bases de dados da *Redalyc e Scielo*, entre os anos de 1995 e 2018, possibilitando a construção da revisão de literatura. Utilizando-se como principais descritores: Desenvolvimento infantil, relação materna e Tendência anti-social.

A partir de uma busca por dados literários na Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul, foram utilizados os conhecimentos teóricos, principalmente de Winnicott, no que diz respeito ao desenvolvimento dos sujeitos e seus processos de maturação, os quais ressaltam a relação com a figura materna e as contribuições ambientais. Posteriormente, através da revisão do artefato cultural, foi inserida uma tabela, com intuito de organizar os agrupamentos de recortes das cenas, situados conforme as categoria determinadas. E por fim, promove-se uma discussão dos dados obtidos e interpretados, de modo a integrá-los aos achados da revisão de literatura, promovendo uma maior compreensão e auxiliando na solução para o problema de pesquisa (Laville & Dionne ,1999).

Referencial de análise

Para Laville e Dionne (1999), a análise do conteúdo diz respeito a uma diversidade de materiais que permitem maiores investigações, entretanto, o intuito se dá ao significado de determinados conteúdos encontrados, sendo a partir da objetividade e transparência, que ocorrem a promoção das explicações sobre análises de interpretações.

No processo de análise, o pesquisador deve atentar-se aos modelos de recortes que podem promover maiores entendimentos, ao que se busca analisar e interpretar. Com isso, para a pesquisa qualitativa, foi utilizado o processo de emparelhamento, o qual permite relacionar os dados obtidos, comparando e analisando ideias, de modo observável e verídico. (Laville & Dionne, 1999).

Através de definições analíticas, a análise de conteúdo realizou agrupamentos, de modo a juntá-las por relação de sentido. Entretanto, as categorias foram definidas *a posteriori*, pois inicialmente não foram estabelecidas, com objetivo de melhor explorá-las ou buscar maiores informações, explicitando, assim, um modelo aberto das categorias. No decorrer da pesquisa, a construção foi se direcionando e potencializando a compreensão dos fenômenos encontrados (Laville & Dionne, 1999).

Tabela 01: Cenas e categorias para análise

Categorias	Cenas
1. Indisponibilidade da preocupação materna	
a) Descoberta da Gravidez	<p>Eva mulher adulta, a qual apresenta cerca de 30 anos de idade, já formada e com uma carreira (no ramo da publicidade) em ascensão, relaciona-se com um homem o qual, aparenta ter a mesma idade. O casal sugere vivenciar uma breve relação amorosa, porém, momentos depois Eva descobre a gravidez, algo que ela demonstrou não ter planejado de forma consciente, pois dá-se a entender que, ambos vivenciam um relacionamento momentâneo, explicitando comportamentos entusiasmados indicando níveis de embriaguez, pautados de promessas e atitudes irresponsáveis, como a não utilização de preservativo durante a relação sexual, mesmo quando o parceiro questiona tal situação.</p>
b) Processo de Gestação	<p>Já com a gravidez em processo mais avançado, Eva denota uma expressão de tristeza e insatisfação consigo mesma, ao olhar para sua barriga e sugerir comparar-se com outras grávidas durante um encontro de atividades para gestante.</p> <p>As demais mulheres do grupo permanecem sorrindo, enquanto acariciam suas barrigas e conversando,</p>

demonstrando empolgação e felicidade, o que difere do semblante de Eva. Além disso, ao sair do encontro, ela demonstra demasiado cansaço e irritação ao visualizar outras crianças a brincar no corredor, esbarrando nela.

c) Nascimento do Kevin

Demonstrando sentir muita dor no parto normal, devido aos gritos emitidos durante o processo, Eva dá à luz a Kevin. Na sequência, já no quarto, Eva recebe Kevin, porém, é o pai quem o segura e tenta acalmá-lo, pois o mesmo chora sem parar. A mãe sentada na cama, exhibe expressões de raiva e também de desprezo com o filho e marido (Franklin). Ela não exibiu nenhum indício de preocupação ou até mesmo curiosidade com Kevin, que chora incessantemente nos braços do pai, enquanto este, com semblante preocupado segue a embalá-lo, frente a apatia de Eva.

d) Falta de afeto

Kevin ainda bebê, o qual indica ter poucos meses de vida, chora sem parar. A mãe tenta acalmá-lo, mas sem sucesso, suas expressões indicam que a mesma perde a paciência, porém, segue na tentativa de fazê-lo parar de chorar. Depois de algumas tentativas, Eva resolve levá-lo passear, em determinado momento, se depara com uma obra na rua, a qual trabalhadores estão utilizando algumas ferramentas que fazem bastante barulho. Tendo a opção de mudar de caminho, ela vai à direção da obra, para com Kevin, que ainda está chorando e, fica por alguns minutos lá. Sua face expressa grande satisfação ao ouvir os barulhos da obra e não mais o choro de Kevin, ao perceber que algumas pessoas estão

a observar seu comportamento, Eva decide voltar para casa. Mais tarde, ela descansa no sofá, enquanto Kevin dorme no bebê conforto ao lado, na sequência o pai chega, ela acorda e imediatamente diz para que ele não faça barulho e não pegue Kevin, o pai ignora as orientações e pega o filho demonstrando alegria e afeto. Franklin ressalta a Eva que o filho está bem, ela indaga: “Você acha que estou exagerando?” ele responde sorrindo e embalando o filho, “Só precisa acalentar um pouquinho, só precisa acalentar um pouquinho!”.

2. Dinâmica conflituosa mãe-filho

e) Desenvolvimento

Kevin aparenta ter cerca de 4 anos. Eva conversa com o filho, num ambiente que indica ser a sala da casa deles, a mãe tenta estimular o filho a falar, Eva diz, “Consegue falar mamãe?” Kevin olha para ela, apresentando expressão de desconfiança e não responde nada, apenas permanece olhando para ela. Com uma bola na mão, ela joga até ele e pede que o mesmo devolva a bola, porém, ele não retorna à bola, nem sequer faz menção para tentar interagir com a mãe, somente permanece a olhá-la. Eva leva o filho até o médico e questiona sobre a fala do filho, ela comenta que leu em algum lugar que, quando a criança não fala é sinal de Autismo, o médico permanece a ouvi-la, enquanto examina Kevin, o profissional ressalta que ele não tem nenhum sinal deste transtorno, que Kevin é flácido, mas que não há com que se preocupar, pois não tem nada de errado com ele.

f) Comportamento desafiador

Kevin aparenta ter cerca de 5 anos de idade. Eva está sentada no chão da sala brincando com o filho e tentando conversar com ele, Kevin parece não ouvi-la, apenas manuseia os brinquedos denotando agressividade com os movimentos e também repetindo as mesmas movimentações por alguns minutos. Na sequência ele coloca alguns brinquedos na boca, a mãe lhe pergunta, “Kevin, consegue dizer mamãe pra mim?” então ele responde com alguns brinquedos na boca, “Não!” indicando estar provocando a mãe, ela repete a pergunta, ele novamente se nega, Eva expressa irritação com a situação.

g) Relações conturbadas

Kevin joga comida nas paredes e geladeira, falando em tom agressivo, que não quer nada do que ela fez, Eva olha para ele e diz, “Mamãe era feliz antes de o pequeno Kevin nascer, sabia disso?!” ele observa com expressão de ódio, ela retoma a fala, “Agora mamãe acorda todo dia e queria estar em Paris”.

A família discute sobre a possibilidade de uma casa maior, para que Kevin possa se divertir, Kevin ouve a conversa, enquanto despeja grande quantidade de sal no alimento e fica repetindo por alguns momentos, “Nhenham, nhenham, nhenham” Eva pede para que ele pare, para que eles possam conversar, Fanklin acaricia o cabelo do filho, e Kevin volta a repetir às palavras, “Nhenham, nhenham, nhenham” a mãe grita com ele e pede para que ele pare e lhe dá um tapa nas mãos, então Kevin para. A família se muda para uma casa maior,

durante a viagem de mudança o pai conta detalhes sobre a nova residência, Kevin ouve enquanto come salgadinhos e transparece indiferença, Eva apresenta expressão de tristeza para o marido.

3. Comportamento ativo, agressivo e consciente

h) Provocação direta

Kevin observa a mãe satisfeita após decorar seu escritório, quando ela termina, ele olha com expressão de desprezo e diz que os recortes são uma idiotice, Eva responde dizendo que é uma forma de deixar o seu lugar mais especial, dizendo que é assim fica com mais personalidade. Com semblante de raiva ele responde, “Que idiotice!”. Ela se ausenta por alguns minutos para atender uma ligação em outro cômodo, deixando Kevin sozinho no escritório, então ele observa o ambiente, na sequência com uma arma de brinquedo ele despeja tinta por toda a decoração da mãe. Quando ela retorna, visualiza Kevin a estragar sua decoração, ele a olha com expressão de deboche, Eva denota raiva arranca a arma de suas mãos, pisa em cima do brinquedo para quebrá-lo. Com aspecto de triunfo, ele olha para mãe.

i) Provocação e agressão

Kevin demonstra ter cerca de 8 anos de idade, ainda usa fraldas e não frequenta escola regular. Eva está a ensinar Kevin a contar, a mãe o instiga a pensar qual número vem depois do que ela fala, ele propositalmente, erra todos os que ela solicita. Depois disso, com expressão de raiva ele conta todos os números certos

sozinho, demonstrando que ele sabia desde o início, Kevin pausa e fala, “Dá pra parar agora?!”. A mãe com aparência de decepção e sequencialmente irritação, faz uma conta matemática no papel e lhe apresenta para resolver e diz a ele, “Veja! Você pode resolver isso já que se acha tão inteligente?!”, ela lhe entrega o papel e ele assim que recebe, o amassa imediatamente e atira a bola de papel longe. Então com expressão de grande deboche ele a olha, Eva o questiona dizendo, “Você não fez, você não fez?!” sugerindo que ele teria feito necessidades fisiológicas, após a mãe questionar, ele ri. Eva então troca sua fralda e o limpa, logo após terminar ela pede a Kevin em tom irônico, se ele está se divertindo, ele não responde. Com auxílio da mãe ele sai do fraldário, olha para ela com expressão de sarcasmo e solta um pum. Ela tem um surto de raiva, vai à direção dele e o pega com agressividade e lhe joga no chão, assim que ele cai ela escuta um forte barulho e se assusta. Ao olhar para ele, percebe que o mesmo está com o braço quebrado, sem sequer chorar ou expressar dor, Kevin apenas olha para a mãe. Eva o leva para o hospital, onde Kevin é tratado e tem de colocar gesso no braço, que fora quebrado de fato. A mãe está visivelmente muito nervosa e preocupada, ao conversar com a médica, a profissional ressalta com grande entusiasmo que Kevin é corajoso. No caminho de casa, ela tenta se desculpar, dizendo, “O que a mamãe fez foi muito errado!”, mas Kevin apenas ouve e não responde. Ao chegar em casa, ele conta ao pai que caiu do trocador e quebrou o braço, Eva aparentemente pasma,

ouve a versão contada por Kevin, sem muito esforço diz que a culpa foi dela, Franklin interrompe, dizendo que ela não pode ficar vigiando ele o tempo todo, ele a abraça. Ao fundo, Kevin observa tudo, pautado sob uma expressão de corrupção.

j) Chantagens

Eva vai até o quarto de Kevin para dar boa noite, com expressão de arrependimento ela caminha na direção dele e diz, “Eu te amo Kevin” e lhe dá um beijo, ele responde, “Nhenham, nhenham, nhenham”. Em um passeio de carro, Eva está ouvindo uma música, Kevin ordena que ela desligue, a mãe acata, em sequência, ela pede para passar numa loja, ele diz que não quer, pois deseja ir para casa, quando ela vai rebatê-lo, ele toca na cicatriz do braço, fazendo menção a uma suposta chantagem emocional. Ela compreende o implícito e responde, que então vão para a casa. Já em casa, ele pega um pão com geleia, para na frente da mãe, cospe no pão e o joga no chão e a encara. Logo Franklin chega, demonstrando entusiasmo ele vai de encontro ao pai, expressando felicidade ao vê-lo, ao ouvir a fala de Kevin, Eva o imita, debochando da fala do filho. Ele percebe a irritação da mãe, e a olha com semblante de sarcasmo. Mais tarde, em conversa com Franklin, Eva com expressão de decepção, indica reclamar do comportamento do filho para o marido, o mesmo rebate, dizendo que ele é apenas um menino.

k) Ameaça fraterna

Eva tenta explicar ao Kevin que ele terá uma irmã, ela inicia a fala de uma forma um tanto quanto lúdica e

fantasiosa, ele interrompe e explica que sabe como acontece, Kevin diz, “O menino põe o pipi dele na menina”. Eva o questiona, pedindo-lhe se ele não quer companhia para brincar, ele responde que não, ela diz que ele pode se acostumar e gostar, Kevin rebate dizendo que não tem como gostar de algo por se acostumar e a afirma com convicção, “Não se gosta de uma coisa por estar acostumado, você está acostumada comigo!” a mãe apenas ouve o que ele diz, Eva finaliza a fala dizendo que, em alguns meses todos vão ter que se acostumar com a irmãzinha, ele escuta com expressão de raiva e com agressividade quebra o giz de cera, assim que ela termina a fala. Meses depois, no hospital os pais chamam Kevin para conhecer a irmã, com expressão de raiva vai até a cama da mãe e da irmã, olha para ambas e vai até o vaso de flor, molha as mãos e joga água na irmã recém-nascida, a qual, chora quando Kevin apresenta esse comportamento, Franklin com calma, indica compreender a situação, sendo uma possível sensação de ciúmes de Kevin, o pai convida o filho para comprar salgadinhos.

1) Convívio fraterno

Kevin aparentando ter cerca de 15 anos de idade, está na cozinha com a mãe e a irmã. A irmã contente em ver o irmão, vai na direção dele e lhe dá um abraço, ele se esquiva dela, se senta e pede que ela alcance um refrigerante, Eva ao fundo, permanece organizando o ambiente. Kevin conta a história de um monstro para a irmã, trazendo detalhes sobre a fera e finaliza seus relatos com o aspirador do cabelo da caçula, fantasiando

que é assim que o monstro faz, deixando Cili (irmã) apavorada. Eva grita com Kevin e manda-o parar e imediatamente desliga o aspirador.

4- Identificação e desejo

m) Compreendendo a maldade

Durante um passeio com o filho, Eva comenta que odeia pessoas “gordas”, pois segundo ela, estas pessoas reclamam do peso, porém, estão sempre comendo. Kevin ouve e rebate dizendo que ela sabe ser tão cruel às vezes, ela responde, que ele não pode julgá-la, Kevin explicita, “Eu posso! Sabe com quem eu aprendi?!”, Eva apenas escuta e deixa-o falando sozinho, enquanto Kevin ironiza, sugerindo ter aprendido a ser cruel com a mãe.

n) Delinquência

Kevin está com quase 16 anos de idade e estuda no ensino médio. Ele vai para escola com uma mochila grande, direciona-se até o ginásio do colégio, chegando lá, tira da mochila barras de ferro para trancar as portas, aparentando tranquilidade e habilidade para manusear as trancas de ferro. Após trancar o ginásio ele organiza seu arco e flechas, caminha em um local mais alto do ginásio e faz expressões de quem se apresenta e referencia o público. Quando os alunos entram no ginásio, Kevin disparava as flechas para matá-los. E devido a sua grande habilidade com a arma, feriu e matou dezenas de alunos. Ninguém conseguia acessar o ginásio, a polícia e os pais foram chamados, Eva

demonstrando demasiada preocupação, ligou diversas vezes para Franklin, porém, sem sucesso. Ao chegar lá, uma multidão gritava e aguardava que os guardas abrisse o local, os bombeiros cerraram as barras e assim que abriram a porta Kevin se entregou à polícia, demonstrando expressão de sarcasmos e grande frieza ao olhar para a mãe. Eva observou a cena em choque, enquanto Kevin estava sendo levado para delegacia, os socorristas ajudavam os feridos, em meio ao caos e desespero dos familiares ali presentes. Posteriormente, Eva vai para casa, ao chegar lá se depara com a filha e o marido mortos no quintal, indicando ter morrido também por flechas.

DISCUSSÃO

A concepção de um filho nem sempre é algo planejado, é muito comum ocorrer a partir de relações sexuais breves, descuidos, errôneas ilusões de que uma gestação não vai acontecer. E esses aspectos podem ser visualizados no recorte a) Descoberta da gravidez, situado na categoria 1- Indisponibilidade da preocupação materna. Nestas cenas apresentam-se os momentos em que Eva descobre a gravidez, evidenciando que a gestação não foi planejada conscientemente e, precedeu de momentos calorosos e comportamentos impulsivos, culminando no ato de não utilizar preservativo e estar ligeiramente embriagada. Pode-se ponderar, também, os desejos inconscientes de uma mulher, pois esta pode confrontar-se com a pressão social e cultural, de que uma mulher somente será completa quando tornar-se mãe. Há, por parte de algumas culturas, o entendimento de que a mulher deve exercer seu papel de poder gerar um filho, cumprindo seu instinto maternal (Barboza & Rocha-Coutinho, 2007). Esse aspecto pode se relacionar à cena, quando o companheiro de Eva a questiona sobre os riscos que estão correndo, mas ela segue a ação e, nesta perspectiva, o comportamento dela pode ser compreendido através dos indícios de seus potenciais desejos, aos quais, ela vem a ceder. Mesmo que inconscientemente, pode estar sendo confrontada pelas ambiguidades da maternidade, devido aos aspectos de identidade como mulher, visando, quem sabe, sentir-se completa.

Sob o olhar histórico da possibilidade de exercer a maternidade, com o passar dos anos, alguns fatores relacionados a essa experiência foram se modificando, na medida em que as mulheres foram alcançando certos níveis de independência, desde a inserção ao mercado de trabalho, formação acadêmica, carreira profissional, projetos de vida, dentre outros, todos estes aspectos possibilitaram a postergação da maternagem, sendo passível de ser comparada com a vivência de Eva nas cenas referidas anteriormente. Entretanto, coletivamente, princípios implícitos surgem, trazendo à tona, o período que se entende como adequado para se ter um filho, como por exemplo, a partir de indagações referentes à idade, pois, subentende-se que o ideal, é que uma mulher tenha filho até os 35 anos de idade (Boeckel, Dellazzana-Zanon & Lopes, 2014). Frente a isso, as posturas de Eva podem ser resultados de demandas pulsionais, instigando-a a comportamentos que possibilitem a execução de seus

desejos ou às pressões que incidem sobre seu autojulgamento, essa compreensão se ancora basicamente em aspectos culturais preponderantes.

Conforme afirma Barboza et al. (2007), a maternidade após os 30 anos de idade, pode implicar em elementos biológicos, bem como a formação de um bebê e a saúde da mãe, devido aos órgãos reprodutores estarem envelhecendo, o que poderá refletir no processos de gravidez. E no que tange aos desejos inconscientes de algumas mulheres, estes podem relacionar-se com as indeterminações da maternidade, uma vez que, as noções da necessidade de vivenciar este processo se defrontam às questões da idade, pressão social, não preparação para ser mãe, além da possibilidade de renúncia a projetos, dentre outros motivos pessoais.

A possibilidade de ter um filho pode implicar em aspectos subjetivos do sujeito, tanto para a futura mãe quanto para o pai, pois há muitas fantasias e expectativas que emergem, por exemplo, qual o sexo do bebê, como será o parto, o nome, se nascerá saudável, se terão condições financeiras para suprir as necessidades da criança, autocobranças como ser boa mãe ou bom pai, a profissão do filho e dentre outras idealizações. Além disso, mudanças na vida desses pais tendem a ocorrer, principalmente com as mulheres, a partir de alterações corporais, hormonais e psicológicas. Assim como, também, os planejamentos da vida do casal, no que tange à organização laboral, sonhos, projetos e de situações que terão de pensar e se programar. Para Gomes, et al. (2004), esses fatores podem ser importantes para constituição da relação com os filhos, visto que as relações com o bebê antecedem o nascimento do mesmo, pois habita dentro dessas expectativas, as estruturas dos processos de identidade da criança.

No decorrer do recorte a) são evidenciados os momentos em que a personagem se dá conta do que está acontecendo, pois ao deparar-se com o resultado positivo da gravidez, Eva demonstra ficar em choque, apresentando posturas de incredulidade em relação à maternagem, com expressões de tristeza e apatia com o momento experienciado, tornando visível que não está preparada para lidar com essa situação. O pai, em contrapartida, se mostra feliz e contente com a notícia, tanto que, com o processo gestacional mais avançado, Franklin já vai providenciando enxoval do filho, denotando animação com aquela experiência vivenciada. Frente a isso, torna-se fundamental compreender o estado mental da mãe e a relação que ela estabelece com o filho, desde o anteceder de seu nascimento. É importante

ressaltar que o modo como ela vai entendendo e sentindo o processo, poderá ter reflexos na maneira que ela lidará com o bebê, quando este vier a nascer. Conforme abordam Gomes, et al. (2009), a mãe é quem, geralmente, provê todos os cuidados que o filho precisa e, este processo poderá acarretar em dificuldades ou transtornos mentais, caso não ocorra preparação ou aceitação.

Para Baptist, et al. (2006), entre os transtornos mentais mais comuns que uma gestante pode desenvolver, destaca-se a depressão, a qual, implica em diversos aspectos na mulher, tendo como sintomas que predominam o humor deprimido, sentimentos de inutilidade ou culpa, diminuição ou desprazer em diversas atividades e outros. Mas conforme estudos situados no DSM-V (2014), as causas de um Transtorno Depressivo podem ser diferentes, como por exemplo, devido aos fatores crônicos, situacionais e, também, a partir do abuso de substâncias. No recorte b) Processo de gestação, alguns sintomas podem ser visualizados nos momentos. Como, por exemplo, em que Eva apresenta expressões de tristeza, insatisfação e recorrente desânimo em diversos momentos, como quando olha-se no espelho, visualizando sua barriga ao realizar suas atividades e, principalmente, no encontro com outras grávidas, momento em que seu semblante fica destoante ao comparar com as outras gestantes. Frente a essas observações, pode-se pensar possíveis indícios de desânimo e não aceitação em relação à gestação, podendo-se pensar, talvez, inclusive, em um momento depressivo desta personagem.

No sentido de explorar os sintomas expressos por Eva, tornam-se questionáveis os processos de identificação com a maternidade, como a relação inicial que ela estabelece com filho, bem como na formação de afeto com o bebê, criação de vínculo, predisposição de expectativas negativas, o que pode, de certo modo, ter relação com a possível depressão, uma vez que esta pode implicar nas questões de sentimento, humor e pensamentos (Abelha, Fonseca, Lovisi, Santos & Thiengo, 2012). Tais indícios de uma vivência depressiva da gestação evidencia-se no recorte c) Nascimento do Kevin, no qual, durante o parto Eva explicita grande sofrimento, pode-se identificar que estaria causando demasiadas dores, devido aos seus gritos. Depois de um parto complicado, Kevin nasce e é direcionado para ficar no quarto com a família. Nestas cenas, a mãe aparenta tristeza, oscilando em expressões apáticas frente ao choro do filho, ela não indica ao menos curiosidade ou interesse para

olhá-lo ou acalmá-lo, algumas situações de acolhimento são conduzidas por várias tentativas de Franklin, as quais transcorrem sem sucesso. Há de se explorar, também, o comportamento do recém-nascido, que mesmo não tendo compreensão consciente do contexto, denota, mesmo que instintivamente, buscar pela mãe.

Para Winnicott (1983), ao nascer, o bebê busca satisfação de seus impulsos inatos, para que possa sentir-se bem, ele é totalmente vulnerável ao seu cuidador e este, geralmente é a mãe. É ela quem vai lhe dar os cuidados básicos, mas para, além disso, espera-se que esta possa dar atenção, carinho e amor. A mãe é quem vai, de certo modo, apresentar o mundo externo para seu filho, o que tenderá a implicar no âmbito interno, ou seja, contribuirá para a constituição do psiquismo e os mecanismos, os quais ajudam a organizá-lo. E no que tange aos processos de desenvolvimento, tanto físicos quanto psicológicos, além de tendências inatas que os seres humanos possuem, para que estas evoluções ocorram de forma saudável, o ambiente torna-se muito importante. Para o autor, a mãe tem papel fundamental nesta construção, pois, num primeiro momento, mãe e filho encontram-se numa relação fundida, ou seja, é como se ambos fossem um só, a criança situa-se numa condição de dependência absoluta. E dependendo de como a progenitora conduzirá os cuidados e conseguirá doar-se para a relação mãe-filho, pode configurar-se em uma mãe suficientemente boa. Esses fenômenos podem ser compreendidos e situados nas cenas do recorte d) Falta de afeto, sendo possível identificar a forma de relacionamento que Eva estabelece com Kevin desde o início, indicando às dificuldades na formação de vínculo com o bebê. Na cena d), Kevin apresenta poucos meses de vida, chora sem parar, assim, pode-se pensar, frente à leitura de Winnicott (1983), que o menino poderia estar reivindicando ou protestando, os cuidados da mãe, os quais, não estão ocorrendo de maneira esperada ou não estão sendo suficientes para o bebê, não permitindo que ele se sinta bem, deixando-o inseguro, desconfiado e nervoso. Nesta perspectiva, entende-se que aspectos da falta materna, já podem estar se instituindo no vínculo entre mãe e filho.

Apesar de ser mãe primária, nas responsabilidades mais básicas, Eva consegue executar as atividades, como por exemplo, de alimentar, fazer dormir e cuidar da higiene de Kevin. Para Winnicott (1983), são atividades que caracterizam o *Handling*, o que permite ao menino a possibilidade de desenvolver a noção do seu corpo e também de sua psique,

contribuindo para que, posteriormente, se façam presentes os processos de personalização. Entretanto, estes manejos que a mãe tem com o filho vão se mostrando mecânicos, pelo modo como ela os desenvolve, sem demonstrar carinho ou afeto pela criança e pela atividade realizada, o que permite assimilar a um possível resultado de uma simples instrução de tarefa, pois, nos comportamentos com o bebê, Eva demonstra não conseguir estabelecer um vínculo materno com o filho.

Comumente o filho chora, o que é, de certo modo, um aspecto esperado para bebês recém-nascidos, mas Kevin chora intensamente. A mãe não demonstra sofrer ao ver que o filho não está bem, apenas indica que está incomodada com aquela situação frustrante, a qual, além de estar lhe causando estresse, pode estar instigando a pensar que está falhando como mãe. Entretanto, esses fatores que indicam a sensação de falha no papel desempenhado, também podem ser frequentes em situações de mãe inexperientes. Desta forma, cabe ressaltar que é importante perceber os níveis desses pensamentos e sentimentos com relação à experiência da maternidade. Essa intensidade pode ser identificada na sequência da cena d), onde Eva prefere ouvir os fortes barulhos de uma obra, ao ter que ouvir o choro de seu próprio filho. Pode-se pensar que por trás desta escolha, muitas questões podem estar implicadas, como a noção de que ela não está bem consigo mesma e com as responsabilidades da maternidade, as quais inclui, comumente, priorizar o bem estar do bebê primeiramente e, depois seu próprio bem estar. A partir da teoria Winnicottiana, pode-se refletir que essa maneira de lidar poderá estar inferindo para que Eva não consiga estabelecer sua forma latente de amar o filho.

Além disso, é possível que se esteja frente a alguém com demasiadas dificuldades para promover o que o autor chama de *Holding*, que basicamente diz respeito à predisposição da mãe para amar e demonstrar seu amor e carinho ao filho. Outro aspecto importante refere-se ao vínculo conjugal, que neste caso, também indica não estar muito bem, pois como ainda ocorre na atualidade, as responsabilidades com o filho se direcionam primeiramente à mãe. Reforçando esta informação, Pedebon, Wagner e Verza (2005), consideram que a figura materna quem geralmente tem de lançar mão de muitos projetos individuais, como trabalho, carreira, vaidade e outros, para doar-se mais nas tarefas diárias. Essas divisões de papéis são reflexos históricos e culturais, os quais, desde o princípio, eram entendidos como papel da

mulher, cuidar da casa e dos filhos, enquanto é papel do homem, trabalhar para prover o sustento da família. Apesar das configurações familiares terem se modificado no decorrer de anos, ainda há muitas influências dos reflexos de culturas patriarcais. Esse aspecto pode ser percebido nos recortes citados anteriormente, pois Eva tem que cuidar do filho, realizar as tarefas domésticas, deixar de arrumar-se como anteriormente e tem de lidar com as muitas frustrações que se intensificam pela forma como vivencia a experiência da maternidade. Franklin não demonstra renunciar ao seu papel de pai, entretanto, se detém a continuar sua vida profissional e esperar que ao fim de cada dia, possa dar atenção para a família recém constituída. Ele demonstra felicidade com o momento vivido, mas coube a ele, de certo modo, uma parte mais diferente, a responsabilidade de prover o sustento e dispor-se a amar e ser amado pela esposa e filho. Deste modo, a função estabelecida por Franklin pode inferir ainda mais nesse processo maternal frustrante, uma vez que, as maiores responsabilidades foram dadas a Eva e foi ela quem teve de renunciar a muitos objetivos pessoais. Mas, esses aspectos se firmam, basicamente, numa conotação implícita, quando ambos parecem não aceitar a postura do outro, o que pode ser identificado ao final da cena d), em que Eva chama a atenção do marido para que ele não acorde o filho, pois teve muitas dificuldades em pô-lo para dormir. Franklin ignora as recomendações e pega o filho acordando ele. Irritada, Eva o questiona sobre ele pensar em exagero das dificuldades relatadas por ela, o marido ignora suas provocações, indicando que ela somente precisa acalantar mais, sugerindo que é algo simples. Além desta cena dar indícios de uma crise conjugal, Franklin faz um alerta, mesmo que sem se dar conta, de que, talvez, Eva não esteja dando carinho e afeto necessários ao filho.

Assim, como base na análise da categoria 1- indisponibilidade da preocupação materna, sob a perspectiva winnicottiana, compreende-se que as estruturas dessa relação, já puderam, de forma relativa, se firmar, pois tais dificuldades se intensificam e passam a ser aspectos comuns na dinâmica da relação mãe-bebê. A maneira que Eva foi conduzindo e demonstrando os sentimentos com relação ao filho, de início, puderam dar-lhe a noção de algo que já está sendo privado, neste caso, o vínculo. Isso tudo tenderá a implicar em diversas condições na formação de Kevin como sujeito, sendo as principais, a compreensão do objeto, os aspectos relacionados à dependência, fatores de vínculo, complexidade para realizar o

processo fusional com a mãe e estabelecimento de um *Self* verdadeiro.

Seguindo o pressuposto de Winnicott (1978), a partir do estudo acerca do desenvolvimento do psiquismo dos sujeitos, entende-se que a administração do mundo externo dependerá de como a pessoa lida com seu mundo interno, ou seja, o sujeito lidará com os objetos e situações a partir da base em suas organizações psíquicas e nessa concepção se torna importante compreender como o sujeito vai constituindo seu mundo interno.

Tais fenômenos podem ser discutidos a partir da categoria: 2- Dinâmica conflituosa mãe-filho, sendo que, a primeira cena e) Desenvolvimento, indica os fatores de evolução, tanto físicos quanto psicológicos. Nesta cena, nota-se que Kevin já está um pouco maior, indicando ter por volta de quatro a cinco anos de idade, sendo possível identificar que o menino não tem contato com ninguém, a não ser a mãe e o pai. Ele passa o dia todo com Eva e a noite, vê brevemente Franklin. Dentre as atribuições adequadas de um ambiente, faz-se necessário que este promova o desenvolvimento, podendo ser passível de relacionar com os estímulos ambientais disponíveis. Neste sentido, Kevin não foi, de certo modo, instigado a desenvolver-se, nas questões da linguagem verbal, por exemplo, pela falta de convivência com outras pessoas, principalmente crianças ou frequentar escolinhas. E, também, por passar boa parte do tempo com a mãe, sendo que esta tem dificuldades de se relacionar e entender o filho. Tendo vivenciado o que Winnicott (1983) chama de dependência relativa, sendo as fases em que a criança já consegue registrar suas vivências e entende sua sujeição, ou seja, Kevin indica ter noção de que ele e a mãe não são um só. Eva, por sua vez, lida melhor com suas falhas. Assim, aos poucos, os processos psíquicos foram sendo formados, mas o filho ainda precisará muito dos suportes egóicos da mãe e isso dependerá muito da adaptação de ambos. Partindo dessa linha de raciocínio, no referido recorte de cena, Eva demonstra estar um pouco mais tranquila consigo mesma, mas percebe que algo não está adequado com o desenvolvimento do filho, pois quando ela tenta estimulá-lo a brincar, ele sequer reage, exibindo falta de motivação para a tarefa. Eva decide levar Kevin ao médico, pois está preocupada com o fato de ele já ter quase cinco anos e ainda não falar. Frente a essa postura da mãe, há de se pensar em algumas possibilidades: o fato de estar realmente preocupada com o bem estar do filho; a possibilidade de culpa relacionada a alguma falha materna, o que poderia acarretar com que ela novamente se sentisse intensamente frustrada; ou também,

numa certa esperança, no sentido de proteger-se, pois tende a ser mais fácil, dependendo da patologia, explicar um comportamento ou postura do filho, isentando-se de maiores culpas, fazendo uso de seus mecanismos de defesa. O profissional deteve-se a olhar apenas para os fatores orgânicos do desenvolvimento de Kevin, desconsiderando dificuldades psicológicas, ressaltando inclusive, que não há nada com que a mãe deva se preocupar. Ainda, nota-se frente ao processo de desenvolvimento psicológico, que Kevin, não vivenciou até então, os fenômenos transicionais, o que tenderá a contribuir para que posteriormente, surjam traços de tendência anti-social.

A dinâmica relacional entre mãe e filho dá indícios de que há conflitos e situações que precisam ser olhadas e analisadas. Os comportamentos passivos de Kevin indicavam que já havia problemas por trás dos sintomas já relatados. Com o tempo esta postura deixa de ocupar um lugar mais passivo e passa a se mostrar mais ativo e desafiador, o que pode ser visto no recorte da cena f) Comportamento desafiador, com Kevin aparentando cerca de cinco ou seis anos de idade. Nesta fase, ele já se comunica através da linguagem verbal, indicando evoluções no desenvolvimento, porém, há elementos que chamam atenção para os comportamentos do menino. Ele parece compreender como deixar a mãe irritada, pois percebe que ao expressar algum comportamento que ela deseja, Eva fica feliz, quando ele percebe o sentimento de Eva ele procura fazer o contrário, assim, quando ela fala com ele pedindo que o mesmo repita a palavra: mãe ele a ignora e apresenta posturas de amolação. Há de se observar, também, a maneira que ele manuseia seus brinquedos, além de não estabelecer criatividade e imaginação com os mesmos, Kevin manifesta movimentos repetitivos, sem lógica e ao quebrá-los pode estar indicando a agressividade nele contida. Frente a isso, questionam-se os processos de capacidade criativa de Kevin. Conforme Winnicott (1997), há também fatores inatos que competem tal potencialidade, porém, é necessário que o ambiente possibilite e instigue desde o início, pois essa habilidade vai emergindo à medida em que a criança absorve a realidade externa e tem a oportunidade de recriar e expressá-la, a partir de seus recursos internos, o que não foi, de forma adequada, experienciado por Kevin.

No recorte da cena g) Relação conturbadas, as dificuldades no relacionamento além de permanecer, se intensificam, os comportamentos agressivos de Kevin aumentam, o que

provoca, cada vez mais, irritação em Eva. Anteriormente, havia sinais implícitos que situavam que algo estava disfuncional, mas agora essas questões, além de explícitas, estão mais ativas e também há exibição de comportamentos delinquentes e atos destrutivos, por exemplo, ao jogar os alimentos feitos pela mãe, nas paredes da casa, verbalizando que não quer nada do que a mãe fez. Ao analisar esses comportamentos e posturas, surgem compreensões sobre a forma que Kevin encontra para frisar a falha no papel materno. Frente a isso, a mãe externaliza seus sentimentos negativos com relação ao filho e também com a maternidade, quando afirma para o primogênito que era feliz antes dele nascer. Nesta verbalização de Eva, de certo modo, ela manifesta seus sentimentos, que até então estavam reprimidos, bem como a falta da capacidade de amar o filho e além disso, que seu nascimento lhe tirara a felicidade. Assim, inicia-se um ciclo ainda mais árduo entre ambos, no qual, Kevin provoca e Eva revida, problematizando ainda mais a relação mãe e filho. Isso remete a um complicador na organização das relações objetais (Winnicott, 1983). Neste sentido, ele pode, aos poucos, ir se frustrando ao pensar que a principal pessoa, que, deveria lhe amar não o amou, assim, como ele poderia amar? E além disso, como estabelecer as demais relações de forma saudável, sendo que as principais não se instituem de maneira adequada? Deste modo, sugere-se que ele encontra-se num estado de insuficiência para também estabelecer esses sentimentos.

Na categoria 3- Comportamento ativo, agressivo e consciente, a relação mãe e filho aponta um agravo, Kevin já um pouco maior, indica estar mais situado sobre seu ambiente, ou seja, já se dá conta do funcionamento da dinâmica familiar, que, está inserido. Eva demonstra estar tentando retomar a vida profissional, mas com atividades *home office*, que possibilita que ela possa cuidar dos afazeres do lar e, além disso, acompanhar o filho no que diz respeito à educação. Mas conforme o recorte h) Provocação direta, no qual, a mãe indica ainda não ter estabelecido um bom vínculo com o filho, ela se mostra um tanto quanto envolvida e preocupada com as atividades laborais, enquanto o filho apresenta querer cada vez mais atenção da mãe e além disso, conforme indicam seus comportamentos, ele parece querer que Eva se envolva somente com questões relacionadas a ele, pelo modo dele chamar propositalmente a atenção de Eva, evidenciando seu desejo pela mãe, ao demonstrar que almeja seu olhar, através de cuidados e principalmente seu amor. Isso se torna mais claro no

decorrer da cena h), pois ele tende a provocá-la. Num primeiro momento, as provocações se dão de modo verbal, por exemplo, quando Kevin em tom irônico a questiona sobre a decoração de seu escritório. Eva indica compreender o intuito afrontoso e aparentemente demonstra não se chatear, o filho em contrapartida, frente ao fracasso da afronta, assume uma postura ainda mais agressiva, pautada de aspectos de destrutividade, deste modo, com sua arma de brinquedo ele arruína o espaço da mãe, com isso, ele consegue deixá-la com raiva, e também, Kevin consegue a sua total atenção. Tais aspectos agressivos podem ser analisados a partir do desenvolvimento deste comportamento no sujeito, o qual, segundo Winnicott (1997), já está presente desde o nascimento, mas a maneira que vai sendo vivenciado e conduzido a partir do ambiente, o ajudará a lidar melhor com os impulsos destrutivos. Há diversas possibilidades que instigam a falta deste controle, no caso Kevin, há de se avaliar que as possíveis experiências traumáticas da privação lhe motivaram a apresentar a agressividade como uma de suas principais defesas. Outro fator importante que chama atenção, é a expressão de satisfação, ou até mesmo de triunfo, ao perceber que a mãe está irritada. Também há de se pensar que ele possa ter aprendido que, somente conseguirá a atenção da mãe, quando manifesta um comportamento tido como negativo. Na perspectiva Winnicottiana, Kevin poderia estar se tornando cada vez mais calcado pela influência ambiental, devido ao ambiente hostil ao qual está inserido.

Ainda no que diz respeito ao desenvolvimento de Kevin, a linguagem verbal transparece estar ocorrendo de forma correta e sem erros de pronúncia e a compreensão que ele tem do contexto, sugere estar clara, explicitando sua lucidez e até mesmo, índices de inteligência e perspicácia, visto que ele não teve a experiência do ensino regular. Conforme a exibição do recorte h) Provocação direta, ele se dá conta da intenção e preocupação de Eva para ensiná-lo com atividades didáticas, mas pautado de uma exibição agressiva. Ele expõe ironicamente sua habilidade de aprender, para a mãe, com possível intuito de fazê-la sentir-se desnecessária ou para que ela compreenda que ele consegue sozinho. Neste processo de evolução e maturação do menino, pode-se pensar que há entendimentos tidos como negativos, devido às possíveis implicações maternas, mesmo quando tendem a ilustrar os pontos de independência. Em contrapartida, tais avanços no desenvolvimento se chocam com falta de controle esfínteriano. Então, observa-se dois processos que ocorrem de forma tardia,

sendo a linguagem verbal e o desfralde. Porém, para o último, pensa-se em duas principais hipóteses, sendo a primeira relacionada às dificuldades ambientais que oportunizem tal evolução, ele manifesta conseguir controlar suas necessidades fisiológicas, mas Kevin sugere utilizar tal dependência para deixar que a mãe tenha mais trabalho, ao ter que ficar limpando em momentos inoportunos, assim, ele poderia usar esta estratégia para provocar ainda mais a mãe e além disso, tê-la por perto, exemplificando, talvez, possíveis ganhos secundários. Isso se evidencia no decorrer do recorte, pois conforme as expressões de Kevin, ele força a defecação nas fraldas, recém trocadas pela mãe, ela percebe sua intenção, ficando visivelmente irritada e descontrolada, com isso, Eva o agride. Nessa experiência alguns fenômenos se destacam, a partir da dinâmica de provocações e reações entre mãe e filho, mas principalmente pelo o fato de Kevin não expressar dor ou tristeza ao quebrar o braço devido a agressão da mãe. Tal experiência permite olhar frente a abordagem Winnicottiana para os aspectos relacionados às relações objetais e às concepções egóicas, as quais, permitem avaliar indícios de Alexitimia, pois Kevin demonstra dificuldades em expressar-se, principalmente no que refere a sentimentos e emoções, entretanto, esse aspecto não é o objetivo deste estudo. Posterior a isso, o menino passa fazer uso de outra estratégia para lidar com a mãe, ele começa a chantageá-la emocionalmente, instigando culpa nela ao apontar para seu ferimento no braço. Assim, ela novamente adentra numa condição de relação inadequada. A segunda possibilidade de dificuldade do controle esfinteriano pode ter relação com a primeira, pois podem haver reflexos de mecanismos de negação, sobre um viés inconsciente da inserção dos fundamentos da moralidade no *Self* de Kevin, pois alguns dos pressupostos que fundamentam a moral de um sujeito, fazem referência ao processo se adequar o que é tido como aceitável. Para Winnicott (1983), a moralidade é, também, a experiência de senso sobre valores, os quais vão sendo transmitidos à criança, lhe permitem vivenciar, ou não, os princípios da obediência, que tende a gerar recompensas a partir das consequências dessa sujeição. Além disso, há elementos na inserção da moralidade que estão associados ao desejo de aprovação dos pais, o que de certo modo, difere da vivência de Kevin.

A relação mãe e filho permanece num ciclo vicioso, mantendo-se com as provocações de Kevin. Eva por sua vez, não consegue lidar com estas situações, passando a agir de modo impulsivo, a partir de repercussões de culpa e falta de identificação com a maternidade. O

filho parece compreender o impacto da culpabilidade que a mãe sente, assim, ele segue com chantagens emocionais, as quais amarram Eva numa posição de aceitar os comportamentos e posturas, um tanto quanto delinquentes do filho. Essas atitudes podem ser percebidas no recorte i) Chantagens emocionais, pois o menino percebe que a mãe está o agradando de forma intensa, instigando, quem sabe, ao desejo de se desculpar e se justificar. Ela aceita às exigências momentâneas do filho, como por exemplo, quando desiste de ir a um local porque ele não quer, Eva aceita as malcriações e comportamentos destrutivos, como o ato de atirar comida nas paredes. Neste sentido, além de comportamentos com traços mais agressivos, o que comumente carrega um fator mais primitivo, Kevin passa a assumir posturas mais conscientes com as situações a sua volta, principalmente no modo de agir dos pais e da relação de ambos, deste modo, o menino mostra-se mais estrategista na sua maneira de atuar, tanto com a mãe e com o pai. Além disso, pode-se pontuar, conforme Winnicott, (1896 - 1971), que neste processo de maturação emocional os aspectos de raiva e agressividade vão se potencializando, situando-se a partir de impulsos agressivos provocadores de culpa contra o objeto amado.

A chegada de um irmão pode, muitas vezes, mexer com a organização mental do primogênito, uma vez que, é comum criar fantasias de perda do amor, substituição e responsabilidades. Isso tende a causar dificuldades no grupo familiar, pois como possíveis consequências a esse processo, o primeiro filho pode desencadear sintomas como ansiedade, tristeza, raiva, alegria, angústia e outros (Lopes, Marin, Pereira, Piccinini & Tudge, 2007). Esses aspectos podem ser visualizados no recorte j) Ameaça fraterna, em que Eva tenta explicar de modo lúdico ao filho que ele terá uma irmã, Kevin prontamente, de modo irônico, indica saber como é gerado um bebê, inclusive detalhando, para a mãe, o processo sexual. Há de se observar que além de manter sua habilidade de conhecimentos, questiona-se o fato de ele, tão novo e sem ter contato com outras crianças ou pessoas, já saber sobre esses assuntos. Por isso, lança-se a possibilidades de ele ter visualizado, os pais ou escutado alguém falar sobre isso. Na sequência da cena j), Eva segue explicando e questionando sobre a possibilidade de um irmão para brincar e fazer companhia para Kevin, mas o menino demonstra recusar a sugestão, afirmando que não quer um irmão e não gosta da ideia. Eva tenta encerrar o assunto dizendo que ele terá de acostumar com proposta, ele visivelmente

irritado, verbaliza que não se tem como gostar de algo por estar acostumado. Inclusive explicita sua percepção, quando relata, para a mãe, que ela já se acostumou com ele, porém não gosta do mesmo, ao finalizar sua fala, externaliza sua raiva, quebrando o giz de cera que segurava. Eva não tenta se justificar, dando indícios, conforme sua postura e silêncio ao ouvir o filho, de que concorda com o que foi dito. Nesta perspectiva, pode-se identificar a demasiada dificuldade que existe na relação mãe e filho, principalmente pelo fato de se firmar os fundamentais vínculos afetivos entre eles, de forma pouco saudável. Tudo isso tende a interferir no processo de formação de *Self* de Kevin, pois seu ambiente ainda não possibilita as condições adequadas para desenvolver e trabalhar seu potencial saudável, evidenciando os aspectos de privação, de falha materna sucessiva, agregando em caracterizações de mãe não suficientemente boa. Além disso, é possível analisar os princípios de falso *Self*, o qual além de ocultar o verdadeiro *self*, nega as submissões e exigências de seu ambiente, apresenta relacionamentos falsos, como pode ser visualizado na relação de Kevin e Franklin e também por fatores como a irritabilidade generalizada e distúrbios de alimentação, o que pode ser percebido nas experiências de Kevin. Deste modo, parte-se do pressuposto que pela vivência atual do garoto, não se oportunizou a fundamentação do verdadeiro *Self*, podendo ter diversos motivos, mas cabe destacar aqui, a falta do relacionamento apropriado da mãe, o que Winnicott (1983) ilustra como devoção.

Com a ameaça concreta de perda do papel como único filho, Kevin visualiza a irmã no hospital, e a partir disso, torna-se claro que o menino está desorganizado com a nova situação, passando a exibir defesas e posturas com cunho mais primitivo, como negação e agressividade direta. Ele começa a ter comportamentos de ciúmes frente à atenção voltada a sua irmã, uma vez que anteriormente era único e exclusivo dele, mesmo pautada por fatores negativos. Esses fenômenos podem ser identificados na sequência do recorte J), pois Kevin, ao visualizar a irmã, demonstra expressões de raiva, oscilando com desprezo, chegando inclusive a apanhar água para jogar na irmã. Deste modo, a relação entre os irmãos Kevin e Cili inicia-se de forma conturbada. A relação fraterna é, comumente, alicerçada por diversos sentimentos tidos como positivos como é o caso do amor, carinho, companheirismo e outros, mas também alguns compreendidos como negativos através de ciúmes, inveja, raiva e rivalidade. É comum que o filho mais velho vivencie alterações no seu ambiente social,

instigando-os a mudar seu modo de agir, podendo apresentar, inclusive, comportamentos regressivos, no sentido de chamar a atenção dos pais, que agora, detém-se geralmente a olhar para o filho novo. Mas há tendências, conforme o contexto, que os primogênitos se ajustem no decorrer da relação fraternal (Lopes, et al, 2007). Porém, estes processos não demonstram ter melhorias para Kevin, podendo estar relacionado a sua realidade interna.

Entretanto, tais sentimentos e estabelecimento de afeto vão sendo construídos no decorrer da experiência do relacionamento. Estes aspectos podem ser percebidos e analisados a partir do recorte K)Convívio fraterno, sendo explicitado o modo como Kevin conduz essa relação, dando indícios, novamente, na instituição de relacionamentos questionáveis, evidenciando aspectos de falso *Self*. Num primeiro momento, ele se mostra receptivo com a irmã trazendo-a para próximo de si, posteriormente ele realiza brincadeiras de dominação, apresentando jogos com caráter perverso, no sentido de prendê-la e assustá-la. Mas, além de estabelecer uma relação com predominância de aspectos negativos, ele demonstra ser cruel com irmã. E esta crueldade pode estar associada ao fato dele se dar conta de que, ao maltratar a irmã, ele consegue deixar a mãe irritada e garante a atenção dela. Há de se pensar que Kevin estaria, ainda, buscando a mãe que lhe faltara desde o princípio e, ele pode se frustrar ainda mais, ao perceber que todo amor e carinho que não recebeu da mãe, a irmã Cili veio a receber. Isso pode ser identificado pela maneira que Eva cuida da filha, lhe dando atenção, carinho, expressando ternura e manifestando o vínculo constituído com a filha, sendo compreendida por uma mãe suficientemente boa, apenas para a filha.

A compreensão de Kevin sobre o ambiente que está inserido sugere estar mais clara, ou seja, o garoto já percebe o funcionamento da dinâmica familiar estabelecida e, seus comportamentos tidos como delinquentes vão sendo cada vez mais expressados pelo adolescente. Ele já compreendeu, minimamente, que ao exibir comportamentos ruins e inadequados consegue atenção da família, principalmente da mãe, assim, há de se observar que ele não conseguiu, ainda, constituir seu *self* de modo saudável e verdadeiro, sugerindo-se que estabeleceu um falso *Self*. Independentemente de Kevin assimilar a organização familiar, ele ainda não conseguiu experienciar sentimentos tidos como bons, como é o caso do amor, proteção e segurança. Mesmo que haja um esforço por parte do pai ao transmitir seu amor

pelo filho e também de Eva, ao tentar redimir-se, no sentido de procurar ser mais carinhosa e afetuosa com ele, parece ser tardio para Kevin.

Além disso, outros fatores indicam tendências anti-sociais, bem como comportamentos delinquentes e sinais constitucionais de falso *Self*, pois há entendimentos implícitos no referido recorte de que, por exemplo, Kevin matou o animal de estimação da irmã, furtou objetos de casa e desativou equipamentos de proteção, o que mais tarde veio a causar a visão monocular de Cili. Ressalta-se, também, a permanência dos comportamentos provocativos direcionados à mãe. Assim, pode-se pensar em possibilidades do jovem estar ainda reivindicando seus direitos sobre a mãe, através dos seus comportamentos destrutivos e agressivos ou de retomar seu papel singular na tarefa de direcionar o foco e a atenção unicamente a ele, prejudicando, assim, a irmã, que de certo modo, lhe causa ameaças afetivas.

Conforme a conduta permanente de Kevin, pensa-se que seu intuito seja o direcionamento para a mãe, mesmo que de forma indireta ele percebe como atingi-la, o que pode ser identificado na categoria 4- Identificação e desejo. Além disso, Kevin demonstra compreender que se ele é assim, uma pessoa considerada ruim para a mãe e não digna do seu amor, ela tem, segundo ele, culpa. Esses fenômenos podem ser visualizados no recorte m)Compreendendo a maldade, pois após uma afirmação preconceituosa de Eva, ele ressalta como ela sabe ser cruel, além disso, Kevin verbaliza que aprendeu a ser mau com a mãe. Assim, pode-se pensar que ele tende a se identificar com seu desejo, ou seja, a mãe. E conforme o olhar Winnicottiano, evidencia-se às falhas de Eva, no sentido de que sua constituição interna se deu com base na conduta da mãe, o que reforça a ideia de Eva como uma mãe não suficientemente boa.

A adolescência é uma fase na qual muitas mudanças tendem a ocorrer na vida dos sujeitos, por tratar-se de um momento de transição da infância para a vida adulta, ocorrem alterações físicas, hormonais e psicológicas. É comum que ocorram momentos de rebeldia, isolamento e incongruências. Mas para que essa transição ocorra de modo mais saudável, se faz necessário que se tenha constituído um *Self* verdadeiro, para isso, há diversos fatores que tendem a ser envolvidos, mas como principal, pode-se destacar o ambiente (Winnicott, 1997). No caso de Kevin, a infância não foi vivenciada de modo suficientemente bom, suas

principais relações são instáveis e pautadas de mágoas, insatisfações e privações, o que pode inferir que ele não firmasse seu verdadeiro *Self*, contribuindo para uma tendência anti-social. Ao deparar-se com outros grupos e a possibilidade de novos vínculos, Kevin foi cada vez mais se frustrando e não conseguindo lidar de forma apropriada. Os pais percebem que o filho está regredindo cada vez mais nestes aspectos, então surge a possibilidade de internação ou até mesmo interdição.

Estes processos podem ser observados no recorte n) Delinquência, quando Kevin se dá conta desta possibilidade de internação ou interdição, a qual iria barrá-lo, ele dá início a seu planejamento, com cuidado e demasiada frieza. O jovem organiza com detalhes, o que para ele virá a ser o espetáculo para chamar a atenção da mãe, explicitando possíveis distúrbios de caráter. Assim, pode-se relacionar ao que afirma Winnicott (1983), a família, de certo modo, falhou ao tentar consertar as deficiências ambientais, assim como as privações. Esse fatores podem ser melhor compreendidos no recorte n), quando Kevin faz o planejamento de como virá a matar boa parte de seus colegas e também o pai e a irmã, poupando apenas a mãe. Seus comportamentos e posturas ressaltam que para ele, tal momento caracteriza o ápice dos seus desejos para atacar Eva, mas há de se pensar também, no que ele de fato quer expressar com tal ataque. Dentre as principais possibilidades, acentua-se o desejo de Kevin por buscar a mãe, que lhe foi privada, que ela possa, mesmo que forçada, lhe dar atenção e compreender o que de fato ele quer, mesmo que para isso, ela precise sofrer, assim como ele também possa ter sofrido, através da falta de amor e a falta da possibilidade de conseguir amar.

Por tanto, essas cenas ressaltam as repercussões que o ambiente pode acarretar no desenvolvimento dos sujeitos, deste modo, os recortes puderam atender ao objetivo principal proposto, na medida em que reforçam as contribuições de uma mãe não suficientemente boa frente às fases evolutivas da criança e a forma que vai sendo estabelecido o *Self*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na teoria de Winnicott, são muitos aspectos que caracterizam uma mãe suficientemente boa, ou seja, um ambiente suficientemente bom, ao qual, espera-se que promova condições para que a criança possa desenvolver suas potencialidades saudáveis. Entretanto, há muitos fatores que estão envolvidos dessa caracterização, como fatores biológicos, psicológicos e sociais. Frente à análise dos recortes das cenas selecionadas do filme: Precisamos falar sobre Kevin, os processos da relação mãe e filho se mostram fundamentais para o desenvolvimento da criança, assim como o estabelecimento dos primeiros ambientes na vida de um sujeito, além do manejo que a mãe vai tendo com o filho, a forma que ela lida com a experiência da maternidade e também o modo de aceitar e se organizar com as falhas que emergem a partir da maternagem primária.

Conforme as pesquisas bibliográficas realizadas neste estudo, segundo uma perspectiva Winnicottiana, a mãe é o primeiro ambiente de um sujeito, é ela quem geralmente apresenta o mundo externo para seu filho e ajuda que o mesmo possa constituir seu mundo interno. Dentre as suas atribuições, a mãe é quem apresenta os objetos, é quem, comumente, atua nos processos de *Holding* e *Handling* , o que tenderá a interferir nas concepções de relações objetais, sendo esses fenômenos, tidos como fundamentais para o estabelecimento do verdadeiro *Self* . Assim, a partir da experiência de vida do personagem Kevin e de sua mãe Eva, pode-se identificar quando o ambiente não é facilitador ou não potencializa os fatores que constituem um *Self* verdadeiro, sugere-se que a mãe tipifica-se como não suficientemente boa. Ela poderá contribuir para que esses movimentos caminhem no sentido de privar a criança das condições básicas para seu desenvolvimento saudável, podendo acarretar em dificuldades no seu psiquismo, bem como na formação de personalidade, tendo como possibilidade a instituição de um falso *Self* . Deste modo, o sujeito estará situado em uma tendência anti-social, que é fundamentada por fenômenos isentos de moral ou culpa. E instiga comportamentos delinquentes que visam esperança, no sentido de buscar ou protestar seus direitos que lhe foram privados.

Conforme afirma Winnicott (1995), qualquer sujeito pode apresentar sinais de tendência anti-social. Entretanto, há aspectos que devem ser analisados para compreender, se

de fato, apresentam-se tais caracterizações. Esses aspectos podem estar relacionados aos processos de desenvolvimento e relacionamentos, os quais, instigam que a criança desenvolva ou não seus potenciais inatos saudáveis. No caso de Kevin, esses processos ambientais contribuíram vigorosamente para que ele viesse a apresentar essa tendência anti-social, estando estreitamente relacionadas à relação que Eva estabelece com o filho desde o anteceder de seu nascimento. Nesta perspectiva, as compreensões acerca do relacionamento mãe-filho, se revelam como fundamentais para o desenvolvimento de um sujeito, no que tange às implicações da constituição de um *Self*.

Portanto, cabe ressaltar que o objetivo deste estudo não é, de modo algum, inferir a responsabilidade ou culpar as mães pelos comportamentos dos filhos, mas sim, buscar compreender as possíveis contribuições do ambiente enquanto potenciando uma tendência anti-social na criança. Desta forma, pode-se compreender um pouco mais dos fenômenos que estão implicados na relação materna, de modo a promover maior conhecimento acerca deste processo tão importante na vida dos sujeitos e da sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

Abelha, L., Fonseca, L.D., Lovisi, M.G., Santos, C.F.J., & Thiengo, L.D. (2012). Depressão durante a gestação: um estudo sobre a associação entre fatores de risco e de apoio social entre gestantes. *Caderno de Saúde Coletiva*. 20 (4), 416-426. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-462X2012000400003>

Aiesse, C., Alves, B.A., Nunes, F., Sadalla, N.P. & Samson, V. A. (2018). Psicopatia infantil: o limite entre a ingenuidade e a maldade. *Revista de Direito da Faculdade Estácio*. 5(8). 75-91. Acesso em 29 de Março, de, <http://www.revistasfap.com/ojs3/index.php/direito/article/view/230>

American Psychiatric Association (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. (Nascimento, C.I.M. tradu.) (5ª ed.). Porto Alegre: Artmed.

Atlas da violência, Acesso em 29 de Março, 2019 de,

<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/noticia/18/o-atlas-da-violencia>

Barboza, P.Z., & Rocha-Coutinho, M.P., (2007). Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. *Psicologia Clínica*. 19(1),163-185. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio De Janeiro, Brasil.

Baptist, N.M., Daher, B.S.A. & Torres, R.C.E. (2006). Associação entre o suporte social depressão e ansiedade em gestantes. *Revista de Psicologia da Vetor Editora*. v. 7, n. 1, p. 39-48, Acesso em 19 de Março, de, <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v7n1/v7n1a06.pdf>

Boeckel, G.M., Dallazzana-Zanon, L.M., & Lopes, N.M. (2014). A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia. *Temas em Psicologia*. 22(4), 917-928, <https://dx.doi.org/10.9788/TP2014.4-18>

Cavalcante, F. (2001). Família subjetividade e linguagem: gramáticas da criança “anormal”. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*. 6(1), 125-137, Acesso em 29 de Março, de, <https://www.scielo.org/pdf/csc/2001.v6n1/125-137>

Davoglio, R.T., Gauer, D.J., Jaeger, H.V. J. & Tolotti, D.M. (2012). Personalidade e psicopatia: implicações diagnósticas na infância e adolescência. *Estudos de Psicologia*, 17 (3), 453- 460.

Dias, G.C., Hauk, F.N., H.N. & Teixeira, P.A.M. (2009). Psicopatia: o construto e sua avaliação. *Avaliação Psicológica*. 8(3), 337-346. Acesso em 29 de Março, de, http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712009000300006&lng=pt&tlng=pt.

Dias, A., Dias, Z.H., Gauer, J.G. & Rubin, R. (2007). Relações visíveis entre pele e psiquismo: Um entendimento psicanalítico. *Psicologia. Clínica*. Rio de Janeiro. V.19, n.2, p. 23-34.

Fox, J., Roeg, L., Salerno, R., Warren, A. & Swnton, T. (Ramsey, L.).(2012). *Precisamos falar sobre Kevin [Filmes]*.Estados Unidos: BBC Filmes.

Gomes, G.A., Lopes, S.R., Moreira, E. L., & Piccinini, A.C. (2014). Expectativas e Sentimentos da Gestante em Relação ao seu Bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(3), 223-232. <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n3/a03v20n3>

Gil, A. C.(2008). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4ª ed.). São Paulo: Atlas.

Godoy, S.A. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de empresas*. V.35, n.2, p. 57-63: São Paulo.

Gomes, G.A., Levandowski, C.D., Lopes, S.R., Lindenmeyer, D., & Piccinini, C. A. (2009). Expectativas e sentimentos de pais em relação ao bebê durante a gestação. *Estudos de Psicologia*, 26 (3), 373-382.

Hack, K.P.M.S., & Ramires, R.R.V. (2014). Deprivação e a tendência antissocial na adolescência face ao divórcio parental. *Contextos clínicos*. 7(1), 133-144, <https://dx.doi.org/10.4013/ctc.2014.72.02>

Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: Manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas* (H. Monteiro & F. Sttineri, trads) Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais. (trabalho original publicado em 1997)

Laurentiis, F.R.V. (2007). A incerta conquista da morada da psique no soma em D. W. Winnicott. *Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana*. Winnicott e-prints 2(2). 1 -13. Perdizes: São Paulo.

Lopes, S.C.R., Marin, H.A., Pereira, A.C., Piccinini, A.C., & Tudge, J. (2007). O nascimento do segundo filho e às Relações familiares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 3(23), p. 253-261.

Lovise, G.M. & Pereira, P.K. (2008). Prevalência de depressão gestacional e fatores associados. *Archives of Clinical Psychiatry*. São Paulo, 35(4), 144-153. <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832008000400004>

Mosmann, C., Pedebon, J., Wagner, A., Verza, F., (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 21(2). 181-186, <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v21n2/a08v21n2>.

Nasio, D-J.(1995). *Introdução às obras de Freud, Ferenzi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto e Lacan*. (Zahar, J. trad.). (1). Jorge Zahar editor Ltda: Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1994)

Winnicott, D.W. (1997). *A família e desenvolvimento individual*. (Cipolla, B.M. trad.). (2).p. 05-161. Martins Fontes: São Paulo.(trabalho original publicado em 1965)

Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1979)

Winnicott, D. W. (1995). *Privação e delinquência*. (Cabral, A. Trad.) São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987)

Winnicott, D.W. (1978). *Textos selecionados da Pediatria à Psicanálise*. (Russo, J. Trad.). Rio de Janeiro. Francisco Alves.